



Julho a Dezembro de 2021
Janeiro a Junho de 2022

Nº 57 • 3ª SÉRIE

CAPA e BATINA

Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa

COMEMORAÇÃO DO 30º ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO



NESTE NÚMERO

- DESTAQUE
- TERTÚLIA/CONVERSA
- CONFERÊNCIA
- PASSEIO DA PRIMAVERA
- ESPAÇO DE POESIA
- ESPAÇO OPINIÃO
- ESPAÇO ABERTO
- VISITAS LOCAIS
- NOTÍCIAS
- ADENDA
(MENSAGEM DE NATAL)
- ADENDA
(TOMADA DA BASTILHA)



PÁG.

| | |
|----|---|
| 03 | EDITORIAL |
| 04 | EM DESTAQUE |
| 09 | TERTÚLIAS ACADÉMICAS |
| 10 | VISITAS LOCAIS |
| 11 | CONFERÊNCIAS |
| 14 | OS NOSSOS PASSEIOS - CÁ DENTRO |
| 18 | A VOZ DA FILANTRÓPICA |
| 19 | ESPAÇO POESIA |
| 21 | ESPAÇO OPINIÃO |
| 22 | ESPAÇO ABERTO |
| 24 | NOTÍCIAS BREVES |
| 25 | IN MEMORIAM |
| 26 | ADENDA - MENSAGEM DE NATAL DEZEMBRO DE 2021 |
| 28 | ADENDA - TOMADA DA BASTILHA |

Os textos publicados podem ter sido ajustados ao espaço disponível.
A versão integral pode ser consultada na Sede ou no sítio da Internet:
www.aaec-lisboa.com

Por contenção de despesas, este boletim contempla o 2º semestre de 2021 e o 1º semestre de 2022, sem rigor na ordem cronológica.



Por João Nuno Calvão da Silva
(Vice-Reitor da Universidade de Coimbra para as Relações Externas e Alumni)

No passado dia 14 de maio, tive o maior gosto em participar, enquanto Vice-Reitor das Relações Externas e *Alumni* da Universidade de Coimbra (UC), na celebração do 30º aniversário da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa (AAECL).

A celebração começou com a tomada de posse dos Órgãos Sociais da AAECL, cumprindo destacar a continuidade de Fátima Lencastre na presidência da Direção. Trata-se de inequívoco reconhecimento do trabalho desenvolvido e, acima de tudo, um voto claro de confiança no papel da histórica líder no futuro desta importante Rede Alumni.

Outro momento marcante do evento foi a atribuição, a título póstumo, do Estatuto de Sócio Honorário da AAECL a Cesário Silva, Presidente da Associação Académica de Coimbra, falecido recentemente em circunstâncias trágicas, na presença do Presidente da Assembleia Magna da Associação Académica de Coimbra (AAC), Daniel Tadeu, e do Vice-Presidente da Direção Geral da AAC, João Diogo.

Não posso deixar de registar, com orgulho, o humanismo e a grandeza desta iniciativa. Durante o evento foi ainda lançado o livro de Carlos Carranca ("Poemas Absurdos – A Palavra e o Mundo") e ouviram-se "Poesia sem idade" e atuações musicais (Fado ao Centro, Madre Christo e Serenata ao Luar), num salão do Hotel Sana Metropolitano repleto de antigos estudantes de várias gerações.

Numa palavra: tarde de afetos, tarde de saudade, mas com a certeza de que a Universidade de Coimbra não vive apenas da História, mas tem um presente sólido, não obstante as dificuldades pandémicas, e um futuro promissor.

Na verdade, a superação dos níveis de mobilidade académica pre-Covid mostra claramente o nosso prestígio presente e a recente eleição para a presidência da Direção da maior rede internacional de instituições de ensino superior lusófono (Associação das Universidades de Língua Portuguesa - AULP) para o corrente triénio confirma o reconhecimento internacional de uma Universidade cada vez mais aberta ao mundo.

Fundamental para o futuro da nossa UC é, sem dúvida, a comunidade de Antigos Estudantes espalhada pelo país e pelo mundo. Daí a aposta actual da Reitoria no reforço da actividade das Associações existentes e no lançamento de outras, em especial no estrangeiro (Benelux, São Tomé e Príncipe ou Moçambique). Não temos dúvidas de que os Antigos Estudantes da UC são os nossos melhores Embaixadores: a excelência técnica que eles demonstram nos seus ofícios e, sobretudo, a dimensão humana forjada nos tempos de estudo em Coimbra marcam a diferença e constituem, seguramente, inestimável contributo para projetarmos os próximos 732 anos!

Concluo a breve prosa que, honrado, me solicitaram, felicitando vivamente a AAEL e reiterando que contamos muito com toda a nossa Rede Alumni.

Viva a AAECL! Viva a Universidade de Coimbra!

30º ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO E TOMADA DE POSSE DOS ÓRGÃOS SOCIAIS ELEITOS – DIA 14 DE MAIO DE 2022

Obeve êxito para além das expectativas a convocação, difundida na Circular nº 2/2022, não só para a celebração com a abrangência que merece dos 30 Anos desta vivência associativa, como ainda para o iniciar do 11º triénio com a Tomada de Posse dos Órgãos Sociais eleitos em 14 de Maio de 2022 e que são:

ÓRGÃOS SOCIAIS DA AAECL (TRIÊNIO DE 2022/2024)

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente – Ricardo Jorge Sousa Roque
Vice-Presidente – José Pinheiro Veloso
Secretária – Maria Guerra Prazeres
Secretária – Maria Arminda de Sousa Neto

DIRECÇÃO

Presidente – Maria de Fátima Lencastre
Vice-Presidente – Ana Sequeira Varejão
Vice-Presidente – José Manuel Viegas
Tesoureiro – José António Correia
Secretária – Maria Isabel Soares da Costa

Vogal – Maria José da Costa Bernardino
Vogal – Luís Miguel Gaspar Martins

CONSELHO FISCAL

Presidente – José Manuel Matos da Costa
Vice-Presidente – Jorge Fernandes Nunes
Vogal – José Pedro Barbosa

ASSESSORIAS

Eduíno de Jesus
Luísa Alexandra Gonçalves

Acenámos então com a presença e participação, por sua iniciativa, do Vice-Reitor Prof. Doutor João Nuno Calvão da Silva (que detém o pelouro das AAECs) e desta equipa Reitoral:

Assessoria do Vice-Reitor – Dr.ª Silvia Dias Divisão de Relações Internacionais – Doutora Liliana Moreira, Chefe; Dr.ª Márcia Rodrigues, área Alumni Divisão de Comunicação – Dr.ª. Karine Paniza, com o propósito de recolher entrevistas e imagens da Sede e do Sarau para constarem de **vídeos** sobre a AAECL, bem como distribuir cartões Alumni. Responderam à chamada cerca de 100 Associados e Amigos, dos quais 40 "mais jovens" que interagiram com os "menos jovens" na forma e conteúdo de há muito almejados pela Direcção (que espera se renovem e fortaleçam...).

O dia de festa raiou com um encontro na



Sede de alguns dirigentes e Associados com a Karine Paniza, tendo esta, com brio profissional e espírito académico, entrevistado a Fátima Lencastre, presidente da Direcção, e o Ricardo Roque, novo presidente da Mesa da Assembleia-Geral, e registado em imagem o que

chamou de "enormes instalações". Da Sede uma correria para o SANA Metropolitan Hotel, onde aguardavam já os outros convivas e os outros membros da equipa Reitoral, bem como os jovens Daniel Tadeu e João Diogo, respectivamente Presidente da Assembleia Magna



e Vice-Presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, e 3 elementos do grupo de Coimbra "Fado ao Centro": João Brandão Farinha, Luís Correia Barroso e Luís Rodrigues dos Santos.

Chegado e reverencialmente acolhido o Vice-Reitor patrono da comemoração, iniciou-se o **almoço** (servido, cautelarmente, à mesa) com um menu muito apreciado, terminando com os simbólicos Bolo de Aniversário e espumante "Ribeiro Santo" a adoçar as vozes que entoaram os **"Parabéns à Associação"**. Era a vez da Tomada de Posse dos Órgãos Sociais eleitos; mal sabia o Vice-Reitor que teria de assumir as funções de Presidente da Assembleia-Geral (conferidas pelos nossos Estatutos ao Magnífico Reitor), substituindo uma inesperada vítima do Covid: o nosso venerando e muito estimado Francisco Chichorro Rodrigues que desempenhou – com inigualável fervor académico e devoção à causa da constituição da AAACL em 1992 – as funções de Vice-

Presidente da Assembleia-Geral desde 1995 até 2007 e de Presidente da mesma de 2007 até ao presente.

E, sem desprimor para o veterano titular do cargo mais alto da Associação – antes com genuína valorização – a verdade é que o seu substituto na hora "coroou" o acto com a simplicidade, a boa disposição e o mesmo espírito académico de digna paridade que temos imprimido ao longo de 30 anos! Enquanto o *currículo* académico dos empossados (de uma a onze vezes empossados...) ficou enriquecido pela magnificência da investidura (responsabilidade acrescida!). Neste passo, a presidente da Direcção assumiu, como sempre, a responsabilidade agora acrescida do cargo que exerce há mais de 27 anos.

Começou por, em nome da Direcção, saudar todos os presentes e, em especial, o Senhor Vice-Reitor Calvão da Silva e toda a sua equipa e os jovens dirigentes da Associação Académica de Coimbra, agradecendo-lhe uma tutela sobejamente ilustrada na sua interacção (não deixando de frisar que foi o primeiro a "saltar" para o estrado para ajudar a retirar a mesa e as cadeiras...).

Quis a presidente, antes de mais, enaltecer pessoal e institucionalmente a figura de Francisco Chichorro Rodrigues, um dos pilares da Associação, apelando ao seguimento da sua conduta exemplar ao serviço do bem comum, no que foi acompanhado pela Maria Claudina Castel-branco que integrou o Conselho Fiscal desde 2007 até ao presente – registado este merecido no momento em



que ambos, a seu pedido e por razões pessoais, não integraram os Órgãos Sociais eleitos.

Confessa a presidente que, ao olhar para este 30º Aniversário, reconhece que dos quase mil Associados com que se deparou em 1992 o tempo tem sido deles detratador ao encarregar-se paulatinamente de ir diminuindo esse universo.

Isto sem que os apelos das Direcções às gerações seguintes tivessem obtido os resultados necessários ao preenchimento das vagas resultantes da lei natural da vida e/ou de desistências e regresso às origens por causa da pandemia.

Não obstante, a força anímica dos "resistentes" ao tempo e a persistência dos "mais jovens" que integram os Órgãos Sociais junto das suas faixas etárias conseguiram atingir o **desígnio** que moveu este evento: **a interligação sem reservas das diversas gerações de Antigos Estudantes de Coimbra**.

O programa que se seguiu corporizou o desígnio almejado, com realce para "A poesia sem idade" e "A dança de gerações", ilustradas nestas imagens:



Maria Viegas (14 anos)



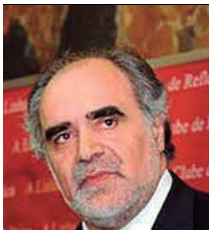
Zé Veloso



O casal Maria Alice e Alberto



Sérgio e Anabela com as Filhas



A evocação de Carlos Carranca com o seu livro póstumo *“Poemas Absurdos – A Palavra e o Mundo”* comoveu quantos o conheceram e apreciaram na sua dedicação a esta Associação.

O momento mais expressivo de solidariedade sem reservas com a jovem Academia de Coimbra foi a saudação a **Cesário Silva**, o jovem Presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra vítima de um acidente de viação em 12 de Março de 2022.

A Associação atribuiu-lhe, a título póstumo, o **Estatuto de Sócio Honorário**, ten-



do o Daniel Tadeu recebido das mãos do Ricardo Roque o diploma e o João Diogo expressado o seu sentimento de perda:

Caro amigo,

Pediram-me para escrever um texto em que falasse sobre ti, mas achei que te devia escrever antes uma carta, será curta porque o momento não me permite que me estenda. Sabes que nos fazes muita falta? Estes últimos meses têm sido complicados, mas tenho a querer que temos feito tudo para honrar a tua vontade.

Foram muitos anos a aturar-te, foram muitos cafés durante a noite, foram muitas pausas no estudo, foram muitos copos e muitas noites de saídas, e agora não há nada. Agora

fica o vazio e a saudade. Fica a saudade do teu abraço, a saudade do teu sorriso, a saudade daquela mensagem a dizer ping, a saudade daquela pancada nas costas a dizer então lindo? Foram poucos anos para uma pessoa que merecia muito mais. Mas tenho a certeza que estás a olhar por nós e espero que estejas orgulhoso do que estamos a fazer. Tu quiseste, tu tiveste será sempre um mote para o resto da minha vida e estarás sempre presente no meu pensamento. Tentarei sempre viver como tu, acima de tudo viver ajudando os outros e sendo a pessoa mais pura e genuína que alguma vez conheci. Um abraço saudoso como só tu sabias dar!

*Do teu amigo,
João Diogo”*



Sem molestar a saudação e os sentimentos que a rodearam, os **Madre Christo** irromperam com o ímpeto habitual, não deixando os seus créditos por mãos alheias, antes os avolumaram com o de há muito reclamado regresso do elemento feminino.



Por fim, o encantamento e o toque de saudade que a *Serenata de Coimbra* imprime, com a maestria do **Grupo Serenata ao Luar** (vozes de Sérgio Gonçalves e Dini Lacerda, guitarras de António Mendes e Nuno Cadete e violas de Manuel Pera e Luís Martins).

Na despedida todos manifestaram o encanto de alma ao verem a Fátima Lencastre rodeada pelos Madre Christo e o seu entusiasmo com o F.R.A pela Associação!

Nota:

A equipa técnica da Universidade de Coimbra realizou os **vídeos** – dois na Sede e outro no Sarau, que podem ser visionados através de:

Associação dos Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra em Lisboa Celebra 30 anos.

“Juntar gerações” é o principal objetivo das atividades promovidas pela Associação, explica a sua presidente, Fátima Lencastre.

O evento teve lugar a 14 de maio no Hotel Sana Metropolitano em Lisboa.

<https://youtu.be/mM7UR8au6hg>

Conheça a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa por - **Karine Paniza**

<https://youtu.be/vO2P3iu24bw>

Ricardo Sousa Roque explica um pouco do que é ser um antigo estudante da Universidade de Coimbra.

<https://youtu.be/EWHYQ-gsCFA>

A SOLIDARIEDADE – ALMOÇO DE S. MARTINHO

Reatámo-la no Almoço de S. Martinho no passado dia 13 de Novembro, ao vivo – qual reabertura – numa explosão de alegria que os 125 convivas manifestaram, cada qual à sua maneira, mas todos saudando o convívio que já tardava, degustando o menu tido por excelente e aplaudindo o costumado **Sarau**, desta vez enriquecido com a surpresa de um bolo de aniversário do Zé Veloso, que assim agradeceu:

"AGRADECIMENTO

Os dias vão passando,
há sempre algo com prazos para cumprir
e há coisas que, por não ter prazo, vão ficando
para trás,
nos dias que vão passando.
Eu sei que me atrasei,
mas ficar a dever é que não quero,
não quero deixar de dizer quanto fiquei
feliz,
dizer quanto gostei.

Fiquei desajeitado.
Eu sei que a Associação é mesmo assim,
mas bem hajam por se terem alembado
de mim.
Muito obrigado."

AGRADECIMENTO DO SR. CAMPOS

"Com humildade na homenagem que me fizeram em 13 de 2021, dia de S. Martinho de Dume, um dos primeiros bispos de Braga, no ano de 579 depois de Cristo.

Agradecimento aos estimados Sócios presentes e ausentes, à estimada Direcção da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, da qual fui berço, como a outras que quiseram fazer-me esta homenagem a este vosso humilde e dedicado servidor."



Com esta nota festiva, teve início o Programa já planeado para a Comemoração do 28º Aniversário da Associação em 15 de Março de 2020 (suspensa por força da inesperada pandemia), mas agora engrandecido:

- pela revelação da veia poética da **Maria Viegas**, de 13 anos de idade, que encantou ao ler uma poesia de sua lavra (V. Espaço de Poesia);
- pela dissertação sobre "A Tomada da Bastilha" pelo ex-Presidente da Associação Académica de Coimbra

- no ano de 1991/1992 e nosso Sócio-Honorário Fernando Guerra (V. adenda); e
- pelo **Aplauso a Florêncio de Campos** e entrega por mensageiro do **Diploma de Sócio-Honorário** desta Associação.

I – FORMALIZAÇÃO DO PROTOCOLO DE COLABORAÇÃO COM A CASA DOS AÇORES EM LISBOA

Pelos Presidentes da Assembleia-Geral e da Direcção da Casa dos Açores, Miguel Loureiro e Delfina Porto, e pelos Presidentes da Assembleia-Geral e da Direcção da AAACL, Francisco Chichorro Rodrigues e Fátima Lencastre.

Seguiu-se um apontamento de música açoriana por **Duarte Braz**, com o êxito de sempre.

MENSAGEM DE EDUÍNO DE JESUS – “O Padrinho” desta parceria desde 2002

“Caríssimos Presidentes das Assembleias Gerais e das Direcções da CASA DOS AÇORES e da ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA, Daqui dos Açores aos meus queridos Amigos da Casa dos Açores e da Associação dos Antigos Estudantes de

Coimbra em Lisboa envio muito saudar nesta hora da celebração da assinatura do Protocolo de amizade e colaboração entre as duas ilustres instituições. Os Açores estão notavelmente em Coimbra desde o século XVI, onde leccionou Rui Gonçalves, de S. Miguel, que escreveu pela primeira vez no Mundo sobre os direitos das mulheres. Um grande, grande abraço a todos.”



II – A APRESENTAÇÃO DO LIVRO OS LYSÍADAS A EPOPEIA DOS LYSOS, UMA REPÚBLICA DE COIMBRA NO PORTO (VOLUME 1 – DE COIMBRA AO PORTO).

O Zé Veloso, seu autor, emprestou à leitura de 2 episódios do seu livro todo o vigor poético que o levou a “enfrentar”

a veia camoniana, tendo esta acolhido de bom grado a irreverência académica (que também tocou Camões...).

O Zé Veloso doou à Associação 5 euros por cada livro vendido. A Direcção agradece.

III – A mestria sem idade do **PAR DE DANÇA** e casal Maria Alice e Alberto; a buliçosa ainda juventude dos nossos **MADRE CHRISTO** (as esposas fizeram greve e os filhos têm outros amores);

e o encantamento da **SERENATA DE COIMBRA** pelo **GRUPO SERENATA AO LUAR** que nos transporta à Saudade deixam um indelével traço nas imagens abaixo.

Na penumbra, fica o afã das 3 “hospedeiras das rifas” de 5 prémios (doados), a favor do cofre quase exaurido desta Associação que é de todos. Mas ficam no coração.





MITOS E CURIOSIDADES AGRÁRIAS – 3ª PARTE

SÃO MITOS A DIABOLIZAÇÃO DO EUCALIPTO E O ENDEUSAMENTO DA AGRICULTURA BIOLÓGICA

Por Engº. Teodósio Salgueiro

A) ORIGEM DO PINHEIRO BRAVO DO PINHAL DE LEIRIA

É crença generalizada de que o pinheiro bravo com o qual se formou o pinhal de Leiria provém de penisco (semente) vindo de França e lançado à terra pela própria Rainha Santa. Parece, porém, que o pinheiro bravo português é originário do nosso país e é um crítico florestal australiano que o afirma, como se explica a seguir.

No Estado da Austrália Ocidental foi-se introduzindo pinheiro bravo proveniente da Europa, mas a partir de 1942 só se passou a utilizar semente de pinheiros do pinhal de Leiria, dada a sua superioridade em relação ao de outras proveniências. Por isso, um técnico superior do Departamento Florestal da Austrália Ocidental (D.H.Perry) esteve dois anos (Outubro de 1963 a Novembro de 1965) em Leiria, onde examinou cerca de 21 milhões de pinheiros, vindo a seleccionar 85 que se revelaram superiores em determinados atributos. Deles enviou para Perth, capital da Austrália Ocidental, pequenos ramos a fim de serem enxertados em pinheiros locais, que passaram a produzir penisco com o qual se estabeleceram os novos pinheiros australianos.

Perry também esteve em França, nas Landes, e com base no que observou lá e no pinhal de Leiria, concluiu que o nosso pinheiro tem origem nacional e não francesa.

a. Cristóvão Colombo e o Início da Produção de Vinho Verde

Cristóvão Colombo trouxe para Espanha um novo cereal que viu no

Haiti, onde os nativos lhe chamavam *maiz*. Começou por ser enviado no Vale do Guadalquivir, em Sevilha, e daqui passou para o Campo de Coimbra entre 1515 e 1525, expandindo-se para o Norte.

Dado que já se cultivavam cereais que tinham no seu nome a palavra milho, tais como *milho-alvo* ou *milho-miúdo*, *milho painço* e *milho zaburro* ou *sorgo* e esta nova cultura se destinava também à panificação, deu-se-lhe o nome de milho. A integração deste em solos com vinha, levou a que este passasse a fazer-se apenas nas bordaduras dos campos. Aqui, as videiras, como plantas trepadoras, serviam-se das árvores que aí estavam para atingirem uma altura de cerca de 2 m e às vezes não amadureciam completamente, pelo que ainda estavam verdes quando eram colhidas para vinificação. Por isso, o vinho resultante ficou com o nome de vinho verso, porque era feito de uvas verdes. A deslocação das videiras para a periferia dos campos levou a que, relativamente a estes, se passasse a dizer "aqui foi chão que deu uvas".

B. HISTÓRIA DO CAFÉ

A sua origem remonta a 600 a.C., quando, no lémen, um cabreiro reparou que as suas cabras ficavam anormalmente agitadas sempre que comiam as bagas vermelhas de um certo arbusto. Ele resolveu também provar e teve reacções semelhantes. Contou isto ao responsável de um mosteiro próximo, que lhe pediu para que lhe trouxesse tais bagas para dar aos seus monges, a fim de estes não adormecessem durante as orações.

O café foi trazido para a Europa por mercadores venezianos em 1615 e em 1645 abriram o primeiro "café". Apesar dos árabes pretenderem manter o segredo do café, hastes de plantas e sementes foram levadas da Arábia Saudita para colónias Holandesas, pelo que a Holanda se tornou no principal fornecedor de café à Europa.

A partir do século XIV, os grãos de café, secos e torrados, começaram a ser preparados em infusão e o mundo árabe foi o primeiro a utilizar esta bebida aromática, Surgiram então, em Meca, cerca de 1430, as primeiras casa públicas de café. No século XVI dá-se a introdução na Turquia e, cerca de 1615, em Veneza.

Os portugueses levaram esta cultura para Cabo Verde em 1708 e, em São Tomé, houve, primeiro a introdução da cana-de-açúcar e só no princípio do século XIX o café se afirmou.

No Brasil, a cultura inicia-se em 1727 e, como as condições ecológicas se revelaram muito favoráveis, ele tornou-se o seu maior produtor mundial.

Posteriormente, o café foi levado para Timor e, mais tarde, para Angola, supondo-se que trazido por imigrantes que deixaram o Brasil durante as lutas de Perumbica.

O consumo de café em Portugal generalizou-se no século XVIII e deu origem à indústria da torrefação. Apareceram, posteriormente, os estabelecimentos chamados cafés e, como esta bebida é amarga, aconselhava-se a adição de açúcar, criando-se o slogan "beba isto com açúcar". Houve então alguém que, com a primeira letra destas palavras, formou o nome de bica para o café que se bebe em chávina.

C. HISTÓRIA DO CHÁ

Segundo uma lenda, foi o imperador chinês Shen Nong que, por acaso, descobriu o chá no longínquo ano de 2737 a.C. Andava ele de viagem pelo campo e, a certa altura, estando cansado, sentou-se debaixo de uma planta alta para descansar e pediu/ordenou aos seus servidores que lhe fervessem um pouco de água. Aconteceu que, enquanto ela fervia, levantou-se uma ligeira brisa e algumas folhas dessa planta caíram no recipiente. O imperador, porém, não sujeitou a água, pelo que bebeu a infusão e gostou. Assim nasceu o chá, mas só no século III a.C. se tornou conhecido, primeiro

como medicamento e, depois, como bebida de prazer.

O chá começou a ser usado na China no século VIII e, por volta do século IX, fazia já parte dos hábitos chineses. Todavia, é originário do Butão.

Apesar dos missionários portugueses se referirem ao chá como fazendo parte dos rituais dos povos do Oriente, foram os holandeses e os ingleses que iniciaram o seu comércio. Os aristocratas britânicos deram ao consumo desta bebida um culto social, criando o *tea of five o'clock*, e promovendo a expansão deste hábito na Europa, na África a sul do Saara e na América.

Os portugueses estabeleceram a cultura do chá no Brasil quando o

Regente D. João VI iniciou negociações com a China e uma embaixada deste país para lá o levou. Do Brasil, o chá foi para os Açores em 1820 e, em São Miguel, conheceu prosperidade em consequência do declínio da produção de laranja, devido a esta ser atacada pelo que se veio a chamar a "doença da lágrima". Atualmente, porém, a cultura do chá açoriano enfrenta a concorrência do Bangladesh e do Vietnam, onde os custos são menores. No continente, tentou-se a cultura do chá em 1855, em Paredes de Coura e Ponte de Lima, mas sem resultados, e também em Sintra e no Alentejo, em terras da Casa de Bragança, a tentativa foi infrutífera.

VISITAS LOCAIS

No 2º semestre de 2021 realizou-se 1 visita e no 1º semestre de 2022 realizou-se 1 visita:

I – AOS PAINÉIS DE ALMADA NEGREIROS

A Associação reiniciou em 19 de Outubro de 2021 as suas actividades, suspensas por força da pandemia, com uma visita local aos magníficos painéis da Gare Marítima de Alcântara, com dois trípticos e duas composições isoladas (inauguradas em 1943) e da Gare Marítima da Rocha Conde D'Óbidos, com seis painéis (em 1949); constituem o expoente máximo da pintura mural de Almada Negreiros e refletem a sua originalidade, com evocações de cenas marítimas, fluviais e ribeirinhas.



Os 18 participantes manifestaram-se maravilhados e aplaudiram a sabedoria e o

poder de comunicação do guia, um técnico da Administração do Porto de Lisboa.

II – A VISITA LOCAL TUK TUK TOURS – ALFAMA

A festejar, na medida do possível (ginjinha e pastel de nata no miradouro Senhora do Monte), no dia de S. Pedro, 16 "aventureiros" circularam em 3 Tuk Tuk pela rota de Alfama:

Praça da Figueira, Rossio, Rua do Ouro, Praça do Comércio, Rua da Prata, Sé de Lisboa (PARAGEM), Miradouro Portas do Sol (PARAGEM), Miradouro da Graça, Miradouro Senhora do Monte (PARAGEM), Igreja S. Vicente de Fora, Panteão Nacional, Museu do Fado, Campo das Cebolas, Casa dos Bicos, Rua da Alfândega, Praça do Comércio, Rua da Prata e Praça da Figueira.

Foi do agrado dos adultos e da criança (neto do nosso funcionário Sr. Trindade)

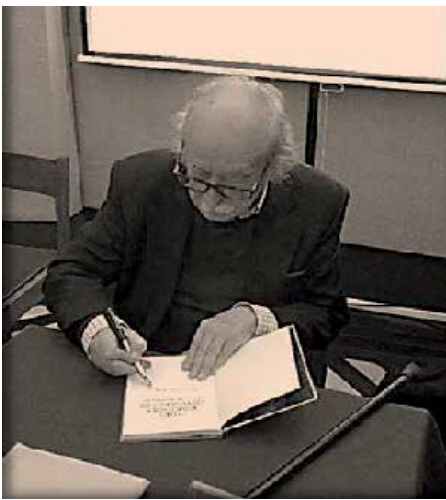


GOSTEI MUITO
VICENTE L.



A PROPÓSITO DE “*COMO TENUÍSSIMA ESPUMA DE LUZ*”, DE EDUÍNO DE JESUS NO PRINCÍPIO ERA O VERBO

Por Maria João Ruivo



Apresentar uma obra do Eduíno é uma responsabilidade. Ele é um autor complexo, com um longuíssimo percurso, que exigiria um estudo apurado e consistente. Aceitei o desafio, mas queria começar por dizer que o que aqui apresento é uma leitura minha dos poemas deste livro, em que assumo o risco de estar longe daquilo que o Poeta pretendeu dizer, mas a leitura também é isso. Cada livro é um desafio à nossa apreciação e entendimento das coisas. O Poeta faz nascer a obra da página em branco e a nós, leitores, cabe desvelá-la.

Atrevo-me a dizer que a Literatura surgiu para ele na infância, nos serões em família, nos quais a mãe entoava poemas do romanceiro ou narrava contos populares e fábulas por ela inventadas. Julgo que, desde então, a Poesia foi uma constante na

sua vida, de uma forma ou de outra. Ponta Delgada viu-o crescer. Ele e outros jovens da sua geração, entre os quais se contavam alguns companheiros do Liceu Nacional de Ponta Delgada, onde estudava então, fundaram o *Círculo Literário Antero de Quental*, também conhecido pelo *Grupo do Jade*, o que lhes permitiu partilhar sonhos e ideais de mudança, que foram ganhando consistência com os anos. Numa entrevista dada ao Nuno Costa Santos para a sua revista *Grotta*, ele afirma: «Esses jovens, quando, em 1945-46, fundaram aquele *Círculo*, já constituíam uma pequena tertúlia extra-escolar, sem-mestres, à margem do programa de estudos que os professores nos ofereciam nas aulas; isto desde os doze-treze anos de idade. Unia-nos o gosto de ler. Gostávamos de livros, cada um de nós por seu próprio acaso ou tradição familiar, e reuníamo-nos em tertúlia para falar disso.»

Constituíam este grupo Fernando Aires (meu Pai), Eduíno de Jesus, Jacinto Soares de Albergaria, Fernando de Lima, Eduardo Vasconcelos Moniz, entre outros.

Mas nem tudo surgia à margem dos ensinamentos dos mestres. Eles tinham os seus mentores literários, que os ajudaram a refletir sobre o seu tempo e os introduziram num quadro de referências estéticas e literárias que os fizeram vanguardistas, nes-

sa longínqua Ponta Delgada, desse também longínquo ano de 46: Ruy Galvão de Carvalho, Armando Côrtes-Rodrigues, Diogo Ivens e, mais que tudo, o espírito inquieto de Antero, que começou a pairar sobre eles, que deu nome ao *Círculo* e os despertou para a importância da indagação.

Cedo o Eduíno começou a praticar as formas poéticas que ia aprendendo nas aulas. Essa prática precoce das regras formais e rítmicas permitiu-lhe tomar o pulso da arte poética e começar a interiorizar a linguagem da poesia e os virtuosismos da palavra. Esse exercício da composição poética, seguindo cânones mais clássicos e exigentes, foi fundamental para ele ganhar uma personalidade artística própria e uma linguagem que o define como o Poeta que hoje conhecemos, extremamente exigente consigo, de um enorme rigor e, por isso mesmo, sempre renitente em publicar. Por essa razão, aqui estamos hoje a celebrar o nascimento deste livro.

O seu trabalho de pensamento e de escrita é de um enorme rigor e exigência e está longe de ser pacífico. Há nele um silêncio recolhido, momento em que dialoga consigo e com o mundo que o rodeia e que o leva a uma constante indagação sentindo, por vezes, que não há as palavras certas para configurar todo esse universo reflexivo, o que o conduz à angústia frequente, talvez quase permanente,

¹Grotta- nº2, Nuno Costa Santos (Dir.) – Letras Lavadas, 2017

de sentir que fala uma linguagem que nem sempre é apreendida pelos outros.

Exímio no uso que faz da palavra, cada frase, cada ideia que lhe sai das mãos é um processo que se adivinha quase doloroso, pela busca da forma perfeita para os significados que quer transmitir. É um fascínio observá-lo nesse processo de criação, porque tomamos consciência da potencialidade da linguagem ao vê-lo selecionar, meticulosamente, a palavra certa para o lugar que lhe é destinado, como faz um ourives, que escolhe, com uma infinita paciência, imaginação e habilidade, a pecinha milimétrica para o seu trabalho de filigrana. É isso que o Eduíno faz em cada frase que escreve – uma peça de filigrana linguística. E creio que isto é bem visível neste livro que temos nas mãos.

Um bom exemplo desse labor é o poema "Anúnciação" (p. 24), que revela o surgimento da Poesia. É difícil explicá-lo aqui, porque é um texto que vive também do visual, da disposição dos versos na página, como quem compõe uma pauta. É um conjunto de sons visuais, que se vão distribuindo em versos, quase todos de uma ou duas sílabas, num ritmo único e rimas inesperadas, tão subtis, que quase nos escapam, mesmo numa leitura atenta. Tudo – sons, palavras, elementos visuais – remete para a ideia de que a Poesia surge ao de leve (sendo essa leveza dada pela repetição dos ss), quase imperceptivelmente, fugidia, sem aviso, flutuando no som vago de uma "ambígua melodia", que uma "frágil semente de vento" origina. O poema termina com a palavra "Poesia", caindo pela página como um som harmonioso que escorre de mansinho.

O Poeta faz um uso hábil das potencialidades das palavras. Não só dos seus significados, mas dos significantes, mostrando que o poema, mais do que um elemento semântico, é uma peça de arte formal. Deste modo, cria rimas e ritmos inesperados, como podemos ver no poema "A Palavra", (p. 32):

**que dentro
do teu silêncio
só silêncio
havia**

**todavia
havia toda
a sabedoria
do Mundo**

Quem o conhece sabe que uma das suas angústias enquanto poeta reside na busca da forma ideal para revelar "a Beleza que não morre", por achar que nunca alcança a palavra exata para definir e plasmar essa Beleza como valor absoluto. Uma vez que ele valoriza o **silêncio** como momento privilegiado de apreensão de conteúdos e faz uso dele para criar sentidos, sugere mais do que diz, cria elipses e seduz o leitor, deixando-o sempre em suspenso, tentando dar **som** ao poema, em busca dos sentidos sugeridos.

Esta obra está dividida em cinco partes, sendo dessa divisão que partiu a minha análise. Ao percorrermos estas páginas, vislumbramos um percurso poético de certa forma semelhante ao da própria vida. **Nascimento, Crescimento** e uma quase **Morte** da própria criação poética, mas que deixa em aberto um claro **Ressurgir**.

Desta forma, **na primeira parte**, busca-se a origem, a própria gênese da criação poética. Aqui a Poesia surge, frequentemente, como algo volátil, na forma de um apelo que se ergue de um "imemorial silêncio", como um "frémido de asa" fugidio e que flutua como uma "brisa leve", como se vê em "Asa flutuante". Talvez seja essa mesma fugacidade que obriga o Poeta ao trabalho árduo de tentar dominar a Palavra, fazendo com que dela surja o Poema. Esse trabalho doloroso é bem visível em "Artesania Poética", onde se trabalha a Palavra até se "perder os sentidos".

Ao mesmo tempo, em "Gaia Ciência", por exemplo, o Poeta compara-se à aranha que tece a sua teia. Desta forma, o seu desejo consistiria em atingir "a frágil teia/do poema"

na página branca onde poderá vir a surgir, de repente, a Poesia (pág.28).

Na Parte II, constituída por dois poemas – "Da Poesia o Corpo I" e "Da Poesia o Corpo II" – ergue-se uma forte sensualidade. Dir-se-ia que o Poeta, na sua árdua tentativa de conquistar a pulso a Palavra da qual se irá erguer a sua Poesia, toma, finalmente, posse da mesma, como quem desflora uma rapariga, num impulso idêntico ao da conquista da própria arte. Essa "súbita hora / de tentação", em que o Poeta vê na criação poética o seu fim e a sua origem, é a própria essência do desejo do artista que, na volúpia do ato criativo, encontra na Poesia a sua máxima completude.

Nessa conquista feita a pulso, numa espécie de êxtase, de delírio, o Poeta encontra por momentos alguma harmonia, sublimando, assim, a sua arte. Esta ascendeu do plano da conquista quase carnal a uma elevação que buscaria a harmonia cósmica. Desta forma, **na terceira parte**, Poesia e Música surgem, então, claramente associadas na procura, quem sabe, da perfeição estética. Aqui temos um encontro com o Universo através dos sentidos quando em "Sinfonia Cósmica" o eu poético anuncia "às estrelas/por música/ o teu nome" (p. 47)

ou na composição "Tema para um Quadro de António Dacosta" (p. 49), se erguem fortes imagens visuais e auditivas sugerindo pinceladas, como

**flocos de harpa sonolenta
ou o
delicado
aroma de açucenas
que se ergue no ar.**

Em "Alegoria da Ave" (p.52), o Poeta como que se identifica com uma ave cuja sombra simboliza, de alguma forma, a sua própria vida. Está presa numa gaiola que ele bem conhece e da qual se libertará pela música, isto é, pelo poder da arte. Depois de um prolongado canto noturno, a ave morreu, deixando o poeta de luto por si próprio, esperando, certamente,

uma ressurreição através da Poesia. Encontramos, ainda, música na frescura do poema "Loas à Cantiga de 4 Versos", num regresso à pureza das origens. É uma "cantiga criada no campo", uma "cantiga rapariga", "de corpo moreno e casto". Mais uma vez, vemos o eu poético enleado nessa poesia-rapariga que lhe surge de madrugada, em botão, e se desfolha na sua noite dolorosa.

Mas, a provar que a Poesia constrói e se reconstrói a partir do caos, esse breve momento de harmonia cósmica é rapidamente destruído pelo confronto com a realidade crua do mundo e entramos num universo poético de contrastes entre vida e morte, abismo e elevação. Em "Simples Apontamento Coreográfico" (p.48), por exemplo, há um projétil que cai no meio da cidade e, por entre o caos dos destroços e dos corpos, há uma rapariga que canta e dança, tentando sustentar o mundo pelo poder da beleza.

Da mesma forma, no expressivo poema "Guitarra Portuguesa" (p.62), de caráter narrativo, temos o retrato de uma noite que poderia ser de uma qualquer viela lisboeta. A noite é povoada por figuras duvidosas que, no entanto, se humanizam, de algum modo, pela música: um marujo bêbedo que canta, um rufia, de navalha afiada, que trauteia uma música de amor. E, pelo meio dessa noite algo sórdida, surge um bêbedo que chega a casa e faz um amor à pressa, num gesto desencantado. A acompanhar tudo isto, temos o som persistente de uma guitarra. Ao passarmos por esta **terceira parte**, sentimos que poesia e música são artes afins e que, na sua ligação à vida, nos dão conta desta nas suas mais variadas facetas. Nesta parte, há um apelo da vida e da força genesiaca da Arte, mas também o anunciar de desencantos que se vão agudizar na **quarta parte** do livro. No seu percurso reflexivo, o Poeta mergulha na mágoa, na dor, na saudade e na sensação de declínio.

Em "Saibam Quantos" (p.73), por exemplo, temos um canto triste e magoado. O Poeta canta como uma "ave presa", tentando, nesse impulso, construir um

poema que acaba por não lhe sair das mãos. São inúmeras as imagens de desalento e incompletude como a da Poesia comparada a uma árvore sem frutos, na qual ninguém repara, ou à imagem de uma flor a boiar na água que é vazia porque não tem "dentro" e rapidamente se desfaz com um sopro de vento. É uma imagem extremamente expressiva, esta, que nos deixa a sensação da mágoa e do desalento do Poeta, que tanto luta e se sente de mãos vazias. E é desse desalento que surge uma saudade magoada das "palavras nunca ditas" de nomes, músicas e aromas vagos, indefiníveis. Uma irremediável "saudade de Nunca Mais". Nesse balanço que é feito de todo um percurso Poético, inevitavelmente surge o Poeta como um sonhador que quer ainda reconstruir a sua torre de marfim, mas sente que as palavras se lhe escapam transformando-se tudo num

"frémite de asa entre o desejo e a renúncia." ("Frémite" p. 86).

Há ainda um sopro de desejo que o anima para, de imediato, recair no desalento e na desistência, reconhecendo, no entanto, que

"O que hei sonhado é o pouco que ainda presto." (poema "Definição")

A última parte é perpassada pela ideia de desistência, vazio, destruição e morte. No poema "Já Não São Precisas as Vossas Ferramentas" (p.93), sentimos perto o fim, no apelo que é feito ao Homem moderno para que abandone tudo. E este "tudo" é, afinal, aquilo que contribuiu para a própria desumanização. Negócios, paixões, guerra e paz, crimes e engenharia genética são elementos que surgem num balanço desalentado e doloroso do mundo atual. "Deixai tudo isso", diz ele. E, numa amarga ironia, questiona para que terá servido a própria Poesia. "Deixai tudo isso para uma próxima eternidade" é o

apelo, como se tivesse o desejo desperado de que a Humanidade começasse do zero no cumprimento da lei do eterno retorno, mas na esperança de que ao menos se mantenha a capacidade de sonhar:

Deixar tudo e seguir no rasto de um sonho

**é o "Programa" do Poeta.
"Não esperar nada", diz ele.**

Ao mesmo tempo, em "Capitulação" (p.100), num cenário apocalíptico de destruição e morte, em que parece baixar os braços e aceitar resignadamente esse destino, há um apelo desesperado para que deixem ao menos

o Poeta abraçado à sua nuvem... como se a salvação possível estivesse nesse sonho da criação.

Este percurso, que representa, no fundo, a busca existencial do Poeta, que encontra na própria arte da Palavra a forma possível de uma qualquer salvação, este percurso, dizia eu, de Nascimento, Completude e Morte, deixa no final, "neste árido e agreste descampado do Mundo", uma possibilidade de Ressurgimento, numa outra Primavera que venha

acender, no negrume da Noite, para os Poetas, a Lua.

Não queria terminar sem, antes, me deter num Poema que apresenta, a meu ver, a síntese possível da Teorização Poética que preside a este livro. Trata-se do Poema "O SOPRO" (p. 20).

**1
como tenuíssima espuma de luz
eco perdido
da primeira vibração**

**algures
no imo do infinito
Nada**

2
**como um fogo
 ainda não e
 jamais acendido**

**frémido de nenhuma
 coisa ou alma
 digamos**

3
**súbito
 explode no âmago da Palavra
 irrompe indomável
 em todos os sentidos do Sentido
 e
 o corpo do poema
 ergue-se**

**e s p l ê n d i d o !
 1992**

Neste poema, cujo primeiro verso dá o título a este livro, o Poeta busca, a meu ver, a origem do Poema, como quem busca a origem de Tudo. Ele apresenta ao nosso olhar de leitores aquele breve momento em que, do Nada, surge o Universo, tal como do caos das palavras possíveis surgirá o Poema.

No primeiro verso, tudo aponta para algo ténue, volátil, nessa fragilidade de um começo que é, por isso mesmo, quase invisível, ideia evidenciada pelo adjetivo "tenuíssima", que surge no superlativo, e na metáfora "espuma de luz" – algo frágil que se desfaz com um sopro, mas que é, todavia, animado pela luz, que remete para a origem, essa "primeira vibração", espécie de esboço do que virá a ser a vida, esse frémido primeiro, vindo do âmago do Nada, que se anima e que deixou um "eco perdido", que vem da lonjura do Começo e que o homem anseia encontrar, achando que nele estarão as respostas para os enigmas ligados a esse Nada que deu origem a Tudo e que os homens buscam desde sempre.

Ao mesmo tempo, surge "um fogo" ainda não e / jamais acendido // frémido de nenhuma / coisa", remetendo,

pelos próprios termos da negação – "não", "jamais" e "nenhuma" – para o mesmo Nada, mas "frémido", apesar de tudo, confirmando essa "primeira vibração" que, de súbito, surge do mais fundo da Palavra, dando origem ao Poema. Assim, tal como a vida, que não havia ou não se havia revelado, surge nessa explosão inicial, esse big bang de que tudo descende, também o Poema se ergue "esplêndido" e se torna revelação pela Palavra.

Esta ideia remete para o Apóstolo João: "No princípio era o Verbo", ideia que implicaria que, sem a Palavra (o Verbo), nada poderia existir. Do Nada, tudo surge pelo poder ativo da palavra. Aliás, quando São João afirma que "no princípio era o verbo", a expressão "no princípio" remete para o Gênesis – "No princípio criou Deus o céu e a terra". Poderemos ter em conta que essa expressão remeterá para o começo material do universo ou, pelo menos, para a noção espaço-temporal. Além de que, se no princípio era o Verbo, poderíamos achar que, antes de o mundo existir, já o Verbo existia. Não pretendo resvalar aqui para um terreno que não domino, mas, ao ler este "Sopro", não pude deixar de pensar nessa questão, por difícil que seja entendê-la efetivamente e cujo aprofundamento deixarei para quem sabe. De qualquer modo, achei ver aqui colocada esta problemática da origem. De uma outra forma, esta ideia está também presente no poema "As Palavras" (p.37), que o autor dedica a Fernando Aires, em que mostra, mais uma vez, esse poder iniciático da Palavra. E cito:

**Imprecisas? Volúveis? Mas inamovíveis,
 elas lá ficam na página branca
 à espera de um Levanta-te e caminha
 de qualquer voz humana.**

A poesia do Eduíno leva-nos por caminhos imensos, não fáceis de trilhar, e torna -se uma procura e uma descoberta permanentes, pois sugere, mais do que diz, deixando algum caminho aberto ao leitor. Ele encontra nas vir-

tualidades da Palavra uma forma de busca, de indagação permanente. E a busca é uma forma de vida sonhada, pois o mundo é um grande mistério ainda por desvelar. Sendo assim, a Palavra transforma-se em Poema, dando, então, ao Poeta, o privilégio de buscar a origem ao mesmo tempo que vai criando a eternidade possível.

**As palavras, meu Deus, como são
 Imprecisas, volúveis. No entanto,
 elas só (enquanto os homens passam)
 guardam para sempre o sinal do
 tempo. ("As Palavras", pág. 37)**

Para terminar, gostaria apenas de concluir que, se atentarmos nos poemas de abertura e de fecho deste livro, respetivamente, "Lápide" e "A Mensagem do Poeta", veremos que há um percurso, pelo meio, em busca de algo. Partiu-se da ideia de que a Palavra do Poeta é "vã" e "inútil como o silvo/ de (...) uma flecha disparada ao infinito.", mas ao longo da sua caminhada, o Poeta, qual Dom Quixote, procurou avidamente a Palavra certa e perfeita, fechando um ciclo de criação, mas deixando a semente que germinará de novo, num eterno retorno poético. É o que nos diz a "Mensagem do Poeta" (o último poema) e cito:

**na margem
 do grande estuário do rio
 que anuncia**

o fim da viagem

crece

**(ainda) a árvore metafísica em cujos
 ramos a mensagem
 do poeta**

floresce

Casa dos Açores em Lisboa – Dezembro de 2021, em parceria com a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa



OS NOSSOS PASSEIOS

CÁ DENTRO

PASSEIO DA PRIMAVERA – ROTA DA EN2 NORTE DE CHAVES A SARDOAL DE 19 A 23 DE JUNHO DE 2022

Por Maria Guerra Prazeres



A ansiedade pelos passeios da nossa Associação era tanta que todos madrugaram e a partida efectuou-se 10 min antes da hora programada!... Este passeio vai levar-nos a conhecer a parte norte da EN2, de Chaves ao Sardoal. Saímos em direcção a Régua acompanhados pelo guia Afonso Silva da TransSerrano e o motorista Pedro Guedes. Durante o trajecto entraram 3 colegas, ficando o grupo com 25 viajantes.

Perto da Régua vislumbra-se uma bela paisagem dos vales e aldeias emoldu-

radas com vários tons de verde.

Descendo, descendo surge a zona do *Alto Douro Vinhateiro*, zona xistosa e de quartzo, Património Mundial da Unesco.

Em Peso da Régua fomos presenteados com um excelente almoço. A caminho de Chaves uma forte chuvada deu trabalho aos parabrisas!...

Chaves tem como ex libris a Ponte Trajano, Monumento Nacional, que testemunha o domínio romano. Do Castelo medieval apenas existe a torre de menagem, com 28m de altura,

albergando actualmente o Museu Militar. As muralhas actuais resultaram de restauros durante as guerras da Restauração e das Invasões Francesas. Seguidamente fomos ao marco quilométrico 0, que marca o início da EN2. Está situado no centro, junto ao Jardim Público, numa rotunda, todo "enfeitado" com autocolantes colocados pelos motards. Foi ponto de fotografia de grupo. A EN2 é a 3ª estrada mais longa do Mundo. Atravessa 34 concelhos. Em Vidago fez-se uma visita exterior do Palace Hotel, Igreja

românica, alameda, campos de golfe e uma linha férrea do Tâmega (nasce na Galiza) e do Corgo desactivadas e transformadas em ciclovias. Chegámos a *Pedras Salgadas*, zona rica em águas minerais (gasocarbónicas), devido a uma falha da depressão geológica de Verin. Ao Km 30 – Pedras Salgadas, freguesia de *Vila Pouca de Aguiar* carimbámos o passaporte.

Esta vila situada no meio da depressão mostra-nos belos vales verdejantes. Aqui nasce o rio Corgo. Passámos pela antiga fábrica Tabopan que produzia aglomerados de madeira. Hoje é o Parque Industrial que alberga várias pequenas empresas.

O Hotel Mira Corgo, em Vila Real foi o local do jantar e alojamento.

O dia seguinte surgiu frio e chuvoso levando o Sr. Pedro a fazer manobras com muita perícia a fim de visitarmos a *Torre de Quintela*, torre gótica, quadrangular, com 4 pisos (o último inacessível) mandada construir pela fidalga D. Alda Vasques, hoje Monumento Nacional (1910).

Na passagem pelo extenso viaduto da A4 (vai de Matosinhos a Bragança) vê-se um placard a anunciar a entrada na Rota do Vinho do Porto. O xisto e o clima são excelentes factores para o desenvolvimento do vinho, pois o xisto retém o calor, mesmo durante a noite. Parámos no Miradouro da Veiga, donde se desfruta uma majestosa e espectacular paisagem das videiras em socacos, vendo-se ao fundo a Serra do Marão. Veem-se as aldeias no vale e os rios fazendo serpentiado. Maravilhoso!..Descendo chega-se a *Santa Marta de Penaguião*, onde visitámos as *Caves*, a maior estrutura cooperativa do Douro, nascida em 1959, que cresceu com a fusão das adegas vizinhas da Cumieira e Medrões, produzindo 6 milhões de litros (5% do vinho da Região Demarcada do Douro). Houve prova para os apreciadores... Seguimos para Peso da Régua, com duas pontes lado a lado e o cruzamento das duas estradas nacionais mais turísticas a EN2 e a EN222 (vem

de Gaia, sendo acompanhada pelo rio Douro até Foz Coa), considerada a estrada mais bonita do Mundo. O marco que assinala o Km 100 está localizado à saída da povoação de Sande, a 2 km de Lamego, com uma paisagem maravilhosa. Em *Lamego* almoçámos, carimbámos o passaporte e visitámos o Santuário da Nossa Senhora dos Remédios, erigido no alto do Monte de St^o. Estevão, onde está a monumental escadaria (686 degraus). As festas realizam-se de 6 a 8 de Setembro. A viagem continua subindo e passando por muitas povoações com nomes esquisitos como Matança, Matancinha, Forcas e Magueija!...

Estamos na Serra de Montemuro, onde nasce o rio Balsemão, que passa por Lamego e vai desaguar na barragem do Barosa.

Chegámos a *Campo Benfeito* para a visita ao atelier de tecelagem das Capuchinhas. Elas transformam a lã, o linho e o burel em peças de vestuário. Tudo é natural, tingem os tecidos usando os fetos, as urtigas (cor verde), os líquenes dos carvalhos, folhas de nogueira, amoras silvestres (cor rósea). Têm uma estilista, as suas colecções e confeccionam por medida. Têm uma loja on-line. A aldeia que visitámos tem 40 pessoas.

Ao Km 121 atingimos o ponto mais alto da EN2 com 987m. A próxima paragem foi em *Mezio* para visitar a Ervital, um projecto de ervas aromáticas e condimentares, desenvolvido por um americano e a sua equipa durante 10 anos, começando pela hortelã-pimenta. Hoje a Ervital é a principal produtora nacional de plantas biologicamente certificadas e abastecem muitos produtores de ervas aromáticas, condimentares e medicinais. Seguiu-se a visita à Capela de Nossa Senhora da Ouvida, cuja festa é a 3 de Agosto. Em *Castro Daire*, vila com 4000 habitantes, estivemos no Miradouro do Calvário, onde a 1^a estação começa na Igreja Matriz e termina na Capela de Nossa Senhora da Soledade. As visitas terminaram e fomos em direc-

ção às Termas do Carvalhal, local do jantar e alojamento no Palace Hotel Asturias. Também aqui a grande falha Penacova-Régua-Verin origina o aparecimento de águas termais.

O 3^o dia de viagem começou em *Várzea de Calde* com a visita a uma casa de lavoura e linho, hoje pertença da Câmara Municipal de Viseu. Nela são recriadas as vivências do quotidiano agrícola de um lavrador abastado da região, como o pátio de serventia, os currais, o lagar, a adega, a cozinha, o forno caseiro e o tear.

Viram-se os vários utensílios usados, por exemplo na matança do porco, no campo, o mobiliário da cozinha. O ciclo do linho era um complemento da actividade agrícola e tinha muitas fases até chegar ao tear. Nada mais do que 22!... Começa por lavar a terra e acaba a tecer o linho. Em seguida visitámos o Museu de Quartzo em *Vila Nova do Campo*. No Monte de St^a. Luzia, em Viseu, há cerca de 280 milhões de anos ficou um filão de quartzo leitoso, levando à sua exploração de 1961 a 1986. O quartzo é a espécie mineral mais abundante na crosta terrestre, pois é composto por oxigénio e silício, os elementos mais abundantes desta mesma crosta. O Museu foi inaugurado a 30 de Abril de 2012 e nele pode observar-se uma enorme variedade de quartzo de diferentes países.

Seguimos para *Viseu*, um município grande, capital de distrito, que em 2012 foi considerada a melhor cidade para se viver. Passámos pela Cova do Viriato, um dos maiores monumentos arqueológicos portugueses e a maior construção em terra de toda a Península Ibérica. Fez-se o percurso pelo centro histórico entrando pela Porta do Soar ou de S. Francisco. Vêem-se ainda alguns traços da muralha Afonsina (Afonso V), a Capela de Nossa Senhora dos Remédios, a estátua do rei D. Duarte na Praça com o seu nome, pois nasceu aqui. Surge depois a rua e a casa onde nasceu o Hilário, uma janela manuelina. Entrámos na rua principal, a Rua Direita, e no

Largo S, Teotónio, onde se podem ver os vários estilos, nas traseiras da Sé, usados ao longo de séculos. Depois de tanto caminhar foi merecido o almoço no restaurante Colmeia!... Após o almoço ainda fomos À Igreja da Misericórdia e Sé, saindo depois a caminho de Tondela, passando pelo Centro Hospitalar de Viseu, Palácio do Gelo e muitas rotundas. Continuando na EN2 passámos por Fail, Parada de Gonta, Sabugosa e Canas de Santa Maria até à chegada a Tondela (região do Dão), entrando na zona histórica, vendo-se a Fonte da Sereia, o monumento mais emblemático da cidade e uma casa solarenga.

Fez-se um pequeno desvio da EN2 para visitarmos o *Museu do Caramulo*, que esteve fechado em 2021, mas que o Presidente Marcelo abriu a 23 de Abril. O Museu é gerido pelos netos de Abel Lacerda, fundador da estância sanatorial, mas a sua grande paixão era ser colecionador de arte. No Museu podemos apreciar faianças, arte sacra, colchas de seda e tapeça-

rias feitas na Bélgica, sem o original, por isso as ovelhas têm umas orelhas enormes que quase chegam às patas!... Existem quadros de vários pintores, como Domingos Sequeira, Tomás da Anunciação, Silva Pinto, Amadeu Sousa Cardoso e Vieira da Silva. Picasso ofereceu um quadro a Abel Lacerda em 1947. De Arte Contemporânea, existem quadros de Miró e Chagal.

Em seguida visitámos o Museu do Automóvel, em que todos os carros em exposição funcionam. Destacam-se um Rolls Royce com malas laterais (uso como táxi), um Mercedes comprado por Portugal para o Salazar, mas este deu-lhe pouco uso. Ele usava um Cadillac série 75. Também vimos o carro da Rainha D. Amélia com a matrícula AL - 1906.

Em Tondela o jantar realizou-se no restaurante "O Terraço" e o alojamento no Hotel Severino José.

No dia 22 fomos até *St. Comba Dão*, vila que nos apresenta à direita um bonito painel de azulejo. No chão está

o mapa do concelho, empedrado e onde se vê a localização do rio Dão e o rio Mondego.

Passámos para a antiga EN2 pela ponte que foi reconstruída após ser parcialmente destruída aquando da III invasão Francesa.

Seguiu-se Vimieiro, onde vimos do lado direito as ruínas da residência da família de Salazar. Aqui termina, junto à estação ferroviária da linha da Beira Alta, a Ecopista do Dão.

E agora chuva e sempre chuva!...

Ao chegarmos à *Central Hidroelétrica da Aguieira* fomos surpreendidos pela presença de um "chinês"!... Porquê? A sua função foi carimbar os passaportes referentes a Mortágua e S. Pedro do Sul. Uma divertida surpresa da TransSerrano!...

Seguimos para *Penacova* e ao Km 236 apreciamos a Livraria do Mondego, uma formação geológica, na qual um conjunto de camadas de rocha se dispõem paralelamente na vertical, que faz lembrar uma estante, onde se observam as lombadas de vários



livros colocados lado a lado. Estamos na Serra do Buçaco. Fomos, em mini-autocarros, ao miradouro do antigo hotel da Pena para desfrutarmos da paisagem. Seguimos depois em direcção a *Vila Nova de Poiares*, passando pela povoação Louredo, o ponto mais ocidental da EN2. Subimos o planalto todo bem verde e com uma bonita panorâmica, alcançando Vila Nova de Poiares, uma vila onde almoçámos no restaurante D. Dinis tendo como prato principal a Chanfana. Após o almoço e já no autocarro cantámos parabéns à nossa Presidente, a que não faltou o FRA do costume.

Entretanto chegámos a *Góis*, vila situada na fértil bacia do rio Ceira, donde se avista a Serra da Lousã. Visitámos a sede da TransSerrano onde foram postos os carimbos nos passaportes relativos a Góis e Lousã. Estamos no território das aldeias de xisto e o concelho de Góis tem 4 aldeias – Pena, Aigra Velha, Aigra Nova e Comareira (sem população, mas com alojamento). De mini-autocarros fomos a *Aigra Nova*, onde o Afonso tocou concertina e nos ofereceram um doce típico de Góis, em forma de pequenas gamelas recheadas, as "gamelitas" que têm mel, castanhas e nozes. Visitámos o Museu Cultural da Lusitânia, vendo-se vários utensílios, como uma pedra para afiar as facas, cortiços para o mel, máquina para debulhar o milho. Visitámos também

o Núcleo de Interpretação, com trilobites em exposição, cogumelos e fungos, anfíbios e répteis (uma cobra em álcool), mamíferos, insectos, aves, etc. No largo da Chafariz da *Aldeia da Pena* e com a presença do regedor, entrou uma mascarada que leu quadras relativas ao local. A aldeia tem 12 habitantes.

Agora estamos no sopé da Serra do Açor e vamos a caminho de Pedrógão Grande, vendo-se uma grande parte da zona ardida em 2017. Em Pedrógão Grande carimbámos o passaporte na Casa Antão e ao Km 236 aparece a barragem do Cabril, construída no rio Zêzere, com 35m de altura e inaugurada em 1954.

Finalmente chegámos ao *Pedrógão Pequeno*, freguesia da Sertã, onde nos instalámos no Hotel Montanha.

No último dia de viagem vimos a Capela de N.ª. Sr.ª. da Confiança, situada no topo do monte de N.ª. Sr.ª. da Confiança. Na aldeia de xisto do Pedrógão Pequeno, a única na EN2, visitámos a Igreja Matriz, de estilo manuelino, já existente em 1522. Tem uma nave central com figurações da vida de S. João Baptista, padroeiro da vila. Na *Sertã* fomos guiados pela Dr.ª. Dora, destacando-se na visita a Ponte da Carvalha sobre uma ribeira, a Alameda da Carvalha, o local mais aprazível, pois é zona de lazer e festivais. Nela viu-se o Lagar de Vara, uma réplica de um antigo lagar de azeite.

O Castelo é pequeno, tem 5 quinas, o que era raro na país. O Convento de St.º. António é hoje um hotel. O feriado municipal é a 24 de Junho, homenageando o nascimento de Nuno Alvares Pereira.

Viajámos para *Vila de Rei* subindo para vermos o Centro Geodésico de Portugal. O marco tem 9 m de altura e está a 591 m de altitude. Vendo-se daqui o Maciço Central. O almoço decorreu no restaurante "O Cobra" que nos agradou. À saída de Vila de Rei seguimos o traçado primitivo, mais sinuoso, com pior piso mas com menos movimento. Parámos em Milreu para ver o miradouro, continuando o passeio pelos passadiços do Penedo Furado.

A última etapa da viagem foi no *Sardoal*, vila, concelho com poucos habitantes, distrito de Santarém, ficando a visita a gosto do cliente!... Partimos para Lisboa e antes da saída do casal de Leiria, o Zé Veloso agradeceu aos colegas, guia e motorista, deixando a estes últimos as "lembranças habituais". No final veio a surpresa! Apresentou uns versos, relativos à viagem, que todos cantámos ao som da concertina do Afonso e da música "Ponha aqui o seu pézinho" batendo palmas aquando do refrão. Resumindo – escreveu a viagem em verso!...

Chegámos a Lisboa um pouco fatigados, mas satisfeitos com este passeio há muito desejado por todos nós.

A VOZ DA FILANTRÓPICA

As restrições e seguintes recomendações da DGS quanto à situação pandémica não permitiram realizar os habituais Chá dos Reis, Chá da Primavera e Magusto de S. Martinho na Sede, por implicarem ajuntamentos.

No entanto, a presença junto de quem sofreu uma perda ou se encontra em

situação de saúde debilitada tem constituído um objectivo no âmbito desta acção Filantrópica, sempre que conhecidas.

O cofre da Filantrópica tem servido para cobrir o encargo das quotas dos Sócios que tal solicitarem por razões conjunturais, bem como para outro

eventual apoio.

Em alegria partilhada, os "Parabéns a Você" continuam a merecer respostas de gratidão de quem os recebe, agora por via electrónica ou via postal, acompanhados de um telefonema pessoal, no próprio dia, pela voz da presidente da Direcção.



OS NOSSOS POETAS

POESIA SEM IDADE

I – A IDADE DOS SONHOS – POR MARIA VIEGAS (AOS 13 E 14 ANOS)

O MEU CORAÇÃO

*Tu és o meu desejo
O meu sonho escondido
O meu amor proibido*

*O meu amor preferido
O teu segredo
É o meu castigo*

*Mas amar é preciso
Tenho medo
Mas vou ficar contigo*

*Mesmo que o ouro perca o seu valor
Mesmo que o sol deixe de brilhar
Por toda a vida vou te amar
Sem parar*

*É difícil dizer adeus quando se quer ficar
É difícil sorrir quando se quer chorar
Mas mais difícil é ter que esquecer
Quando se quer amar*

*Quando amas de verdade
Jamais lutarás contra um adeus
Se disso depender da felicidade
Da pessoa amada*

*A cor dos teus olhos
Faz-me ficar
Apaixonada
Fico a acreditar*

*Que sei voar
Que sei dançar
Que sei cantar
Que sei nadar*

*Preciso do teu beijo
Com sabor a queijo
No nosso esconderijo*

*Às vezes no silêncio
Da noite
Eu fico a pensar
E a imaginar*

*Nós os dois
No início
De um palpite
Somos heróis*

*Preciso de um encanto
De um amigo
Que me dê um abrigo
Com um canto*

O QUE SOU COMO SOU!?

*Eu sou feliz?
Só sei que sou
Uma flor de Lis*

*Na felicidade
Será que há tristeza?
Eu não sou uma autoridade
Mas também não sou uma alteza*

*Será que é simples
Apreciar o detalhe da vida
Temos peculiaridades
Esta é a dúvida*

*Nas duas ruas
Há luas
A brilhar
E a estrelar*

*Será que tenho mania
Teimosia
Alegria
E gritaria?*

*Eu sei pintar
Rimar
Desenhar
E imaginar?*

Onde está o meu porto seguro?

*Será que brilha no escuro?
És a minha estrela
Com o meu melhor sorriso*

*És a flor amarela
Do meu paraíso*

*Não sou mãe
Mas se fosse
la cuidar
Brincar*

*Chorar
E ajudar
Com uma melodia
Do dia*

*Do passarinho
Com carinho
No seu ninho
Fofinho*

*Vou ter uma família
De encantar
Que irradia
Até amar*

*A beira do mar
Foi visitar
Com vontade de gritar
Só consegui cantar*

*E comecei a meditar
Para despertar
Para libertar
E o mundo conquistar*

*Vou lutar
E acreditar
Que vou voltar
Para contar*

*Tenho de lá estar
Para abraçar
E suportar*

*A dor
Do amor
É refletida
Uma silhueta
Como uma obra*

*De Atlântida
E um olho-de-poeta
Isto é arte
Como Marte*

*Na paz
Voa uma pomba
Que é capaz
De pôr um aroma*

EXALTAÇÃO DA ACADÉMICA – por Zé Veloso

Numa altura de grande consternação dos adeptos da Briosa pela descida da Académica à III Liga, o colega Zé Veloso aproveitou o momento "Poesia sem Idade" para puxar pelo moral dos academistas, declamando dois poemas que exaltam glórias passadas – a "Balada do Bentes" e um excerto de "Os Lysíadas" que evoca a vitória da Académica na final da Taça de 1939.

BALADA DO BENTES

*Nem tudo era só bota de elástico
havia alguém capaz de alguns repentes
a fuga para a frente e o fantástico
a festa e a alegria: havia o Bentes.*

*Ele fintava ele driblava ele ganhava
os jogos que ninguém nos consentia.
Era a Académica e a aventura era a palavra
que de súbito golo se fazia
quando corria pela esquerda e nos levava
nas jogadas da sua fantasia.*

*No tempo devagar ele era a pressa
trazia o imprevisto e o inesperado
um golo de pé esquerdo ou de cabeça
que virava o domingo e o resultado.*

*Ele avançava sem pedir licença
contra a rotina o tédio a vida anémica
era a ousadia e a diferença
ele era outra maneira – era a Académica.*

*Fosse o Porto o Sporting o Benfica
ele era o que rompia.
De seus dribles nasciam as serpentes
como o poema o seu jogo não se explica
ele era a fantasia
ele era o Bentes.*

Manuel Alegre

EXCERTO DO CANTO VI DE OS LYSÍADAS

"Episódio dos Onze das Salésias"

9

*No tasco frio, onde vão comer
Uma sandes de paio com tintol,
Lembram histórias de amor e de lazer,*

*E fala-se também do futebol
De 39 – data a não esquecer –,
Quando a malta pescou com um anzol
O peixe mais graúdo da barcaça
E trouxe para Coimbra a grande Taça!*

10

*Foi a primeira Taça em Portugal,
Em que a Briosa, após o Campeonato,
Apanhou nos oitavos de final
O Covilhã, a quem deu de barato,
E, nos quartos, destino deu igual
A outro que no Porto fora nato,
Até que veio o Sporting, todo prosa,
Que levou outra coça da Briosa!*

11

*Chega-se o prazo e dia assinalado
De entrar em campo, já para a final,
No dito das Salésias, que é relvado
E que fica por lá, na capital.
É o Benfica, vaidoso e emproado,
Contra a Briosa, cá do pessoal.
É Golias, que quase joga em casa,
Contra David, talvez de grão na asa.*

12

*No campo o nosso team está de negro,
Com as capas traçadas, bem brejeiras.
O inimigo tem garbo, não o nego,
Exibindo o vermelho, com peneiras.
Já os fans têm por si, fulgente e cego,
O fervilhar dos hinos e bandeiras.
Começa a guerra da pior maneira,
Com o Benfica a tomar a dianteira!*

13

*A nossa claque não se atrofia:
Deviam estar à espera... sim, é isso!
Mas quando a malta empata já se ouvia!
E agora já ganhavam... e, depois disso...
Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do rebuliço:*

*Era o golo a fazer o quatro a dois
E o princípio da festa do depois!*

14

*Foi enorme a loucura, por Lisboa,
Da falange de apoio que viera
De Coimbra e de toda a terra boa
Para apoiar a equipa nessa era.
E, tendo a taça ganha, se apregoa
Um F-R-A da malta que se esmera
Em «emalar a trouxa», de alegria,
E «boa-noite ó tia Maria»!*

15

*No regressar a Coimbra ao outro dia,
Teve a equipa maior dificuldade
Que ganhar ao Benfica à revelia!
A camioneta, a pouca velocidade,
Rompeu Pombal, Condeixa, antes Leiria,
Parando sempre em cada edilidade,
Com o povo abraçando os jogadores
Como se Deuses fossem, dos maiores!*

16

*Em Coimbra já está tudo preparado:
Não há aulas na Universidade;
Na ponte velha, o trânsito cortado,
Transeuntes exibem felicidade;
Co'o Largo da Portagem apinhado,
Entra, enfim, o cortejo na cidade:
São carros e mais carros buzinando,
São foguetes e o povo delirando.*

17

*Saltam rolhas e bebe-se espumoso,
Isto enquanto o cortejo, triunfal,
– Saindo da Portagem – luminoso,
Vai em apoteose p'lo canal
Prò Largo de Sanção, todo vistoso,
Bandeiras no balcão municipal.
Era a Queima das Fitas, outra vez,
Mas co'o percurso feito ao invés!*

Zé Veloso



VALE MUITO A PENA TER GRATIDÃO ELA NÃO CAIU EM DESUSO, NÃO É UMA MODA. ELA NÃO PASSA

Por Maria Fernanda Borges Duarte Nobre de Menezes

A "história" do Covid-19 levou-nos até St. António da Caparica à nossa casa de lazer, uma fonte de energia.

Em toda esta zona respira-se ar puro e brilho; outrora uma terriola hoje com largas avenidas e vegetação a perder de vista. Prédios assombrosos, uma vila em completa expansão.

Aqui ouvem-se todas as línguas do Mundo bem perto de Lisboa. A natureza perdeu-se aqui num bosque lindíssimo que acolhe gente de todos os extratos sociais. Há também uma pastelaria que dá pelo nome de Santo António com esplanada grandiosa no meio de pinheiros frondosos em plena avenida ornada de passarinhos que não param de cantar e festejar a chegada de cada um dos clientes. As mesas são sobejamente higienizadas pelos "empregados" (universitários) em par-time educados, solícitos, de 1ª água.

Um paraíso para quem o Mundo é lindo, quando ricos escondidos por grades e muros, pobres remediados esquecidos e ignorados se juntam num mesmo espaço, criando ambientes de convívio com sorrisos que contagiavam derrubando egoísmos, indiferenças, sobranças. Falta de comunicação inaceitável um retrocesso no mundo em que os mais dotados ajudavam aqueles todos solidarizando-se com os mais novos ou desprovidos da sorte, ou doamos. Aqueles a quem Deus deu tudo sem precisarem grande espaço e empenho e muitas das vezes mal agradecidos.

A terra está muito mal servida de transportes as ruas estão pejudadas de carros a ponto de uma menina brasileira me dizer "aqui nesta terra todo o mundo tem carro". É rico!. Os transportes marítimos não são regulares têm horários desfasados e nem sempre têm ligações directas com os transportes rodoviários. Às horas de ponta, à noite, em

geral, são apenas frequentados por empregados humildes mas de coração doce e alma grande e espírito de solidariedade sem limites vem a propósito este episódio: Eram 11 horas da manhã do dia 04 de Novembro, apanhei o barco na Trafaria com chegada a Lisboa às 12 horas, estação Belém. Tendo chegado cedo para a hora marcada no cabeleireiro 15 horas e 30 minutos, e atendendo a que no trajecto só iria passar por locais onde havia aglomerados de gente ao almoço resolvi almoçar lá mesmo na estação. No bar havia uma fila de mesas alinhadas às janelas do edifício; sentei-me na 1ª mesa encostada à parede; no outro extremo encontrava-se a senhora da limpeza que de imediato me perguntou: "a senhora é servida do meu almoço" ao que eu lhe respondi "minha senhora, muito obrigada, mas não posso aceitar o seu convite com muita pena minha mas o Covid-19 por ora ainda nos atormenta mas a sua generosidade comove-me, pode crer. "Nunca a vou esquecer".

A mesa estava um desalinho total mas a solidariedade e o interesse em repartir comigo estava lá. Perguntei-lhe se era natural de Cabo Verde, respondeu-me que era Angolana.

Despedi-me oferecendo-lhe um café quentinho com mil atenções. Ela não aceitou disse que "não tenho este hábito".

Às 14 horas apanhei o comboio que me levou até Carcavelos ao cabeleireiro as horas passavam tão depressa que eu não parava de dizer à cabeleireira Ângela e à esteticista Rita que tinha que regressar à Caparica apanhar dois comboios um em Carcavelos outro em Cascais e descer e subir dezenas de escadas apanhar um barco e um transfere até à minha casa. Elas rodearam-me de atenções; incedíveis no trato humano, bons hábitos de delicadeza e lanche, chegaram mesmo a escrever o

horário num cartão com o cuidado recomendado por mim de que não podia ser o último transporte não fosse haver qualquer atraso.

Tudo deu certo. Apanhei o barco das 19.30 horas em Belém. Já na Trafaria na bicha do outro carro eu era a última. Todos os passageiros cerca de 20 trabalhadores modestos, barafustavam com o chauffeur que não abria a porta do autocarro. O frio era glacial. O vento cuidava de nos atirar ao Tejo. Todos eles diziam-me: «Minha Senhora sente-se aqui que está menos frio eu levanto-me», outros diziam-me «venha para aqui que eu me arredo» outros diziam «fique aqui neste cantinho que fica mais quentinho». A todos eu respondia "agradeço muito a vossa bondade mas temos todos que respeitar o distanciamento físico. O covid ainda não acabou".

Finalmente, veio o autocarro e todos em coro disseram: Minha senhora, entre primeiro e escolha o lugar "nem queria acreditar até que por fim o motorista vendo a minha perplexidade disse:" Minha senhora, entre por favor".

Agradei a todos a prolífica relação que eles tiveram para comigo consolando-me com tanta bondade.

No dia seguinte acordei a pensar que no dia anterior o meu padrinho Dr. Jorge Fernandes Moreira ex-associado já falecido fazia anos e nesta data proporcionou-me um dia memorável; atendendo à gratidão que sempre lhe revelei com manifestações de carinho.

Ele que foi o fio condutor em Portugal da história da minha vida: social, familiar e profissional ele que me ensinou a derrubar barreiras, muros e preconceitos, após a minha formação académica no Brasil.

Juro! Que naquele dia senti-me a Rainha de Inglaterra.



I – ANTÓNIO GUTERRES É O VENCEDOR DO PRÉMIO UNIVERSIDADE DE COIMBRA 2022

O secretário-geral da ONU venceu o prémio por se destacar “na defesa da paz, solidariedade social e desenvolvimento”. A entrega do galardão a António Guterres está agendada para 1 de março.

O secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, é o vencedor do Prémio Universidade de Coimbra (UC), que distingue anualmente uma personalidade portuguesa de inequívoco valor nas áreas da cultura, economia e gestão ou ciência e inovação.

O vencedor do Prémio Universidade de Coimbra 2022 foi anunciado durante a manhã desta quinta-feira, numa conferência de imprensa que decorreu na Sala do Senado da Reitoria da UC.

“O premiado este ano é uma personalidade com um percurso ímpar ao nível nacional e internacional, onde se tem destacado na defesa de valores, como a paz, solidariedade social e o desenvolvimento, que a Universidade de Coimbra partilha integralmente e reitera num dia tão dramático [Ucrânia/Rússia]”, evidenciou o vice-reitor da Universidade de Coimbra Luís Neves.

No domínio da paz e da solidariedade social, gostaríamos de destacar o apoio aos refugiados, a luta contra a fome e a pobreza, e também contra as desigualdades

que persistem a nível mundial”, acrescentou.

Instituído em 2004, o Prémio Universidade de Coimbra conta com o patrocínio do Santander Universidades e com o apoio do Global Media Group, tendo o valor de 25 mil euros: 10 mil para o vencedor e 15 mil para a atribuição de uma Bolsa de Investigação Santander para apoiar o desenvolvimento de trabalho numa área a definir pelo premiado.

A entrega do galardão a António Guterres, que é também Doutor Honoris Causa pela Universidade de Coimbra, está agendada para o dia 1 de março, durante a sessão solene comemorativa do 732.º aniversário desta instituição de ensino superior.

Nascido em Lisboa em 30 de abril de 1949, António Guterres foi primeiro-ministro de Portugal (1995-2002) e Alto-Comissário das Nações Unidas para os Refugiados (2005-2015), exercendo desde o dia 1 de janeiro de 2017 as funções de secretário-geral da ONU.

Foi também secretário-geral do Partido Socialista e deputado na Assembleia da República, onde presidiu a diversas comissões parlamentares durante 17 anos.

Na sua última edição, em 2021, o Prémio Universidade de Coimbra distinguiu o cardeal, ensaísta, poeta e teólogo José Tolentino de Mendonça.

O prémio também já distinguiu a classicista Maria Helena da Rocha Pereira, o crítico gastronómico José Quitério, o antigo reitor da Universidade de Lisboa Sampaio da Nóvoa, o músico e compositor António Pinho Vargas, a cientista Maria de Sousa, o químico Adélio Mendes, o artista plástico Julião Sarmento, o musicólogo e historiador cultural Rui Vieira Nery e o cofundador da Critical Software Gonçalo Quadros. A coreógrafa, professora e programadora cultural Madalena Victorino, o embaixador João de Deus Ramos, o investigador e empresário José Epifânio da França, o matemático luso-brasileiro e membro do Fórum Internacional de Investigadores Portugueses Marcelo Viana e o neurocientista Fernando Lopes da Silva foram outros dos contemplados.

Em 2005, a distinção foi atribuída ex aequo, a António Manuel Hespanha, historiador e jurista, e a Luís Miguel Cintra, fundador do Teatro da Cornucópia, ator e encenador. Em 2010, também ex aequo, foi atribuído o prémio a Almeida Faria, ensaísta e escritor, e a Pedro Costa, cineasta. O ex-comissário europeu da Investigação, Ciência e Inovação, Carlos Moedas, atual presidente da Câmara de Lisboa, foi distinguido em 2020.

Jornal “O Observador” em 01/03/2022

II – LEMBRANDO DURVAL MOREIRINHAS

Um núcleo de amigos e companheiros do Durval Moreirinhas entendeu não deixar passar em claro o dia 12 de Junho, em que se assinalaram os 5 anos da sua partida.

Logo pela manhã o evento foi devidamente sublinhado pelo nosso sempre querido Professor Polybio Serra e Silva, com a eloquência que lhe conhecemos, em breve mas sentido improvisado, ladeado

do pela Viúva, Inês Moreirinhas, e pelos Filhos, procedeu ao descerramento da placa alusiva à circunstância. Ficou colocada na parede exterior da casa que, fugindo do bulício de Lisboa, ele tanto apreciava para gozar tranquilamente a companhia da Família e dos amigos.

Os momentos no cemitério, junto à campa onde repousa, foram também de grande emoção - em particular no “toque

a silêncio”, primorosa e emocionadamente executado em trompete pelo Daniel Tapadinhas, professor do Conservatório de Coimbra, músico de excelência, co-fundador do Alma de Coimbra, e amigo que o Durval muito apreciava.

O almoço, pelo contrário, foi animado e agitado, com muita graça académica - como o Durval, estamos certos, bem gostaria - nele pontificando, quer o nosso

Professor Polybio (que vai, sabiamente, enganando todos os calendários...), quer, a culminar, uma sessão inesquecível de fados e guitarras, na belíssima voz do Paulo Amador, com a arte instrumental do António José (Tó Zé) Moreira, do Ricardo Dias e do António Andias (guitarras) e do Custódio Moreirinhas, irmão do Durval, na viola.

Antes, na absoluta impossibilidade de estar presente, foi lida uma mensagem tocante do nosso estimadíssimo Vice-Reitor, Doutor João Nuno Calvão da Silva, associando a nossa Universidade à homenagem a um antigo estudante que levou e distinguiu a Velha Escola Coimbrã pelos 4 cantos do mundo. Enviaram mensagens repassadas de

apreço e de sentida pena por não terem podido estar presentes por impedimentos de última hora (infelizmente, por razões de saúde...), entre outros, o Napoleão Amorim, o Jorge Tuna e o Germano Rego de Sousa, amigos e companheiros de muitas décadas do Durval...

Por Nuno Tavares

III – COIMBRA E OS AÇORES UNIDOS EM HOMENAGEM A JOSÉ ANDRADE FERREIRA

Com propósito equivalente, o grupo de fados constituído pelo Tó Zé Moreira, Ricardo Dias (guitarras), Diogo Alves e Custódio Moreirinhas (violas), e pelos cantores Rui Silva e Nuno Silva e Daniel Tapadinhas (trompete), acompanhados de uma dezena de antigos elementos dos Antigos Orfeonistas e, depois, do Alma de Coimbra, amigos chegados do José Ferreira, antigo estudante de Coimbra - onde, nos finais da década

de 1960, fez os preparatórios de Engenharia Civil, que viria a concluir no IST - deslocar-se-ão, entre os próximos dias 7 e 11 de Julho à Madalena do Pico, sua terra natal, aqui assinalando, a 9, o 5º aniversário da sua morte. Precedendo o concerto, à noite, será descerrada placa evocativa na parede exterior da Casa da Família.

Indispensável será lembrar que o José Ferreira foi, garantidamente, a

par do Fernando Machado Soares, o maior intérprete açoriano da música de Coimbra, que ajudou a divulgar com extraordinária qualidade pelo Continente e nas inúmeras digressões pelos 4 cantos do mundo. O seu último trabalho, "Luas do Pico", com música e poemas de autores açorianos é uma verdadeira preciosidade.

Por Nuno Tavares

IV – LIVRO POEMAS ABSURDOS / A PALAVRA E O MUNDO, DE CARLOS CARRANCA

No Teatro Mirita Casimiro – dia 4 de Junho 2022

Quando a completa plateia do Teatro Mirita Casimiro fez silêncio, ouviu-se, em video, o poema *Andam pela terra os poetas*, com que o grupo Capas ao Luar quis homenagear o poeta na Serenata das Latas (simbólica) de 2019.

Foi mais uma sessão à maneira do poeta: repleta de amigos.

Falaram de Carlos Carranca como poeta, como professor, como cidadão Carlos Avilez, João Vasco, Eugénio Lisboa (cujo texto foi lido pelo ator Sérgio Silva), José Maria Carvalho, Miguel Babo;

Foi visto o video do teaser do livro, de Miguel Afonso Carranca;

Os atores Teresa Côrte-Real, Sérgio Silva e antigos (Renato Godinho) e atuais alu-

nos da Escola Profissional de Teatro de Cascais disseram poemas, alguns coreografados por Helena Vascon.

Ouviu-se a voz de Carlos Carranca, em video, dizendo, não só poemas seus, mas também alguns dos que lhe eram caros, como *Não passarão*, de homenagem à Ucrânia;

António Toscano, em representação da Doutora Fátima Lencastre, ofereceu à EPTC os trinta livros que a AAELCL tão simpaticamente ofereceu a esta escola;

Ouviu-se a guitarra de João Alvarez, algumas vezes acompanhando a leitura de poemas; as vozes de Vítor Sarmiento e do grupo Pardalitos do Mondego, vindo positivamente de Coimbra para cantar as

suas composições de letras do poeta; Um grande e sentido bem haja a todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, se envolveram neste momento cultural.

Um grande bem haja à bonita participação da AAELCL na concretização deste livro, que Carlos Carranca pensava vir a publicar em Outubro de 2019. Mas o dia 29 de Agosto do mesmo ano não deixou.

Mas ficaram os seus amigos para perpetuar o seu legado.

Parabéns, Carlos Carranca

"Andam Pela Terra os Poetas" foi o poema | Capas ao Luar - Serenata Festa das Latas 2019

Por Rosa Carranca Sousa

01.

JANTARES MENSAIS

Realizaram-se 2: em Abril e Junho de 2022 na "A Valenciana", com salutar ambiente de boa disposição e, sendo os aniversariantes presentes as estrelas perante um apetitoso bolo. Em ambos, as actuações do Grupo Serenata do Luar (com 4 e 6 elementos, respectivamente) foi um bálsamo para a ansiedade crescente em 2 anos de pandemia e uma bênção para os que lutam por maior confraternização entre gerações.



Aniversariantes em Junho

02.

GERMANO DE SOUSA “OS MAÇONS SALVARAM ESTE PAÍS MUITAS VEZES DE SITUAÇÕES TERRÍVEIS”



Em entrevista a Francisco Pinto Balsemão, o fundador do maior laboratório de análises português fala da paixão pela medicina, a oposição ao Estado Novo, a maçonaria e o combate à pandemia da covid-19. “Amo a minha profissão e tentei sempre que ela fosse melhor. Não fui Bastonário para politicamente me armar ao pingarelo”, afirma no segundo episódio do podcast 'Deixar o Mundo Melhor'.

Nasceu na ilha de São Miguel no final da II Guerra Mundial, a 24 de janeiro de 1943, licenciou-se em Medicina pela Universidade de Coimbra, viveu numa república de estudantes, cantou o fado e fez teatro. Foi bastonário da Ordem dos Médicos, fundou o maior laboratório de análises português e recusou vendê-lo a um grupo estrangeiro, é maçom, salvou vidas, trouxe bebés ao mundo e foi parteiro da própria filha. Entrevistado por Francisco Pinto Balsemão, José Germano de Sousa fala da paixão pela profissão, a vida dos estudantes de Coimbra no seu tempo, a oposição ao Estado Novo, o combate à pandemia da covid-19 e a família, lembrando que é preciso entender o mundo para se ser médico. O que fez para deixar o mundo melhor?

Texto enviado por Manuela Goucha Soares

03.

NOVOS SÓCIOS ADMITIDOS...

Em 2021 (de Julho a Dezembro) e em 2022 (Janeiro a Junho) foram:

Engº. Luís Miguel Nascimento Peixoto – Sócio nº 1381
Drª. Maria Arminda de Sousa Neto – Sócia nº 1382
Dr. Luís Filipe Nery de Sousa Colaço – Sócio nº 1383

Engº. António Francisco Venâncio Freyre Leitão- Sócio nº 1384
Engª. Sílvia Cristina Parreira Gomes Dias – Sócia nº 1385

04.

COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

- ◆ **O Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra convidou-nos para:**
 - Concerto de abertura do ano lectivo 2021/2022 que teve lugar no Teatro Académico de Gil Vicente no dia 29 de Setembro de 2021.
 - Cerimónia de Abertura Solene das Aulas do ano lectivo 2021/2022 que teve lugar na Sala dos Atos Grandes no dia 13 de Outubro de 2021.
 - Cerimónia de comemoração do Dia da Universidade que teve lugar na Sala Grande dos Atos que se realizou a 1 de Março de 2022.
 - Cerimónia de doutoramento honoris causa em Economia do Excelentíssimo Senhor Rui Nabeiro que teve lugar na Sala Grande dos Atos que se realizou a 8 de Junho de 2022.
- ◆ **O Vice-Reitor para as Relações Externas e Alumni convidou-nos para:**
 - Uma sessão ONU: Problemas e Desafios que teve lugar na Casa da Lusofonia no dia 31 de Maio de 2022.
- ◆ **A Comissão Organizadora da Queima das Fitas (COQF) e o Secretariado Diocesano da Pastoral do Ensino Superior** convidou-nos para assistir à Cerimónia de Bênção das Pastas da Queima das Fitas que se realizou no dia 25 de Julho de 2021, no Estádio Cidade de Coimbra.
- ◆ **A Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra** convidou-nos para a Gala Académicas: Um Sonho de Gerações que teve lugar no dia 3 de Novembro de 2021, de forma a assinalar o 134º Aniversário da Associação Académica de Coimbra.
- ◆ **Ligação ao Antigo Estudante DG AAC** convidou-nos para a celebração da Tomada da Bastilha que se realizou no dia 24 de Novembro de 2021.
- ◆ **Orfeon Académico de Coimbra** convidou-nos para o 140º aniversário (OAC) que se realizou no dia 7 de Dezembro de 2021.
- ◆ **A Casa do Concelho de Aguiar da Beira** convidou-nos para participar no Magusto que se realizou no dia 14 de Novembro de 2021.
- ◆ **A Casa da Académica em Lisboa** convidou-nos para um jantar Tertúlia que se realizou no dia 30 de Novembro de 2021.
- ◆ **A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra (AAEC)** convidou-nos para o lançamento do livro "*Cantares-Para gostar de envelhecer*", DE AUTORIA DE Polybio Serra e Silva que teve lugar no Pavilhão Centro de Portugal no dia 12 de Fevereiro de 2022.
- ◆ **A Casa dos Açores** convidou-nos para a sessão de apresentação do livro de Eduíno de Jesus "*Como tenuíssima espuma de luz*", que ocorreu no dia 2 de Dezembro de 2021.
- ◆ **O Círculo Cultural do Supremo Tribunal de Justiça**, instituição parceira no domínio cultural, tem convidado, na qualidade de Sócia Honorária do Círculo, a presidente da Direcção Fátima Lencastre para actividades que desenvolve; e abriu a todos os Sócios da AAEC a Comemoração dos seus 20 anos, que se realizou no salão nobre do SPJ no dia 9 de Maio de 2022.
- ◆ **João Caseiro** foi eleito presidente da direcção geral da A.A.C. até dezembro de 2022, em substituição de Cesário Silva.
- ◆ **A Associação de Antigos Estudantes da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra – Alumni**, constituída em 2004, recebeu com pesar e sentimento de "faz-nos muita falta" o pedido de demissão apresentado por Fátima Lencastre, por razões de saúde, do cargo de Presidente da Mesa da Assembleia-Geral que vinha exercendo desde 2015 (em substituição de Daniel Proença de Carvalho, Presidente da mesa de 2005 a 2014, com Fátima Lencastre como vogal), ocupando agora o cargo Paulo Mota Pinto. A demissionária continua integrando o *Consilium*, inicialmente constituído por:

Dr. Álvaro Laborinho Lúcio
 Dr. António de Almeida Santos
 Dr. António Arnaut
 Prof. Dr. António Barbosa de Melo
 Dr. António Castanheira Neves
 Dr. Artur Santos Silva

Dr. Emílio Rui Vilar
 Dr. Eurico Nogueira
 Dr. Fernando Aguiar Branco
 Dr. Francisco Pereira Coelho
 Prof. Dr. José Cardoso da Costa
 Dr. José Miguel Júdice

Juiz José Narciso Cunha Rodrigues
 Drª. Maria de Fátima Lencastre
 Dr. Mário Júlio de Almeida Costa
 Dr. Miguel Veiga
 Dr. Rogério Soares
 Prof. Doutor Rui Alarcão,

com o mesmo propósito de ajudar a colaboração entre todas as instituições de Antigos Estudantes de Coimbra. Para isso, é necessária a inscrição de todos os que cursaram a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

IN MEMORIAM...

Deixaram-nos... no 2º semestre de 2021 e 1º semestre de 2022:

- Sócia Nº 98 – Drª. Maria Teresa Neto Costa
- Sócio Nº 232 – Dr. António de Melo Silva Braz dos Santos
- Sócio Nº 606 – Engº. António Diniz Mendes Martins
- Sócio Nº 781 – Dr. Armindo Pinto

- Sócia Nº 834 – Drª. Maria Conceição Gonçalves
- Sócio Nº 839 – Dr. Manuel Francisco Sardinha Nobre de Meneses
- Sócio Nº 1069 – Dr. Carlos Afonso Anselmo Vaz

Que descansem em Paz!

MENSAGEM DE NATAL DEZEMBRO DE 2021



*"Natal é a ternura do Passado, o valor do Presente, mas sobretudo a esperança do Futuro.
Natal é o Espírito da verdadeira Amizade que deve brilhar durante todo o ano".*

Por Florêncio de Campos

vivência pessoal pode ser compensada com um aprofundamento a que nos convoca o Cardeal José Tolentino de Mendonça in "Um Deus que dança"⁽¹⁾:

«O Natal do comércio chega de um dia para outro. Fácil, tilintante, confuso, pré-fabricado. É um Natal visual. Um amontoado de símbolos. Um ar do tempo. Dentro de nós, porém, sabemos que não é assim. Para ser verdade, o Natal não pode ser só isto. Não pode servir apenas para uma emoção social, para um corrupio de compensações, compras e trocas. Para ser verdade, o Natal tem de ser fundo, pessoal, despojado, interpelador, silencioso, solidário, espi-

ritual. Acorda em nós, Senhor, o desejo de um Natal autêntico.»

Apelando à interioridade de cada um para minorar a sua atracção pelo supérfluo, conduzem ao reforço da solidariedade individual e colectiva.

E o alvo mais frágil dessa solidariedade e as vozes mais suplicantes são-nos apontados pelo Papa Francisco ao abençoar, na Praça de S. Pedro, uma escultura figurativa de um barco cheio de migrantes, a interpelar a consciência de toda a Humanidade.

Acompanhemos, na concepção e à medida de cada um, o desejo de tornar o NATAL autêntico!



Acompanhemos, na concepção e à medida de cada um, o desejo de tornar o NATAL autêntico!

¹ Lembradas por Vitor Gama Lobo, nosso Associado (residente em Coimbra).

ACADEMIA DE COIMBRA

I – BÊNÇÃO DAS PASTAS



“Não estamos na catedral, estamos num estádio. Mas não importa o lugar, o que importa é o espírito e a verdade com que fazemos o que fazemos”, com palavras de esperança do capelão da Universidade de Coimbra (UC), Pe. Paulo Simões, arrancava a Bênção das Pastas dos finalistas de 2020 e 2021 da Queima das Fitas de Coimbra.



Realizou-se deixando uma mensagem para os finalistas – de serem os “construtores de uma realidade mais bela”. Para o bispo Virgílio Nascimento Antunes, “é importante que tenhais os diplomas e os conhecimentos alargados dentro das várias áreas do saber, mas sendo para os outros. Para que o mundo seja o lugar de realização de todos e de salvação de todos”.

II – QUEIMA DAS FITAS 2021

“A Queima das Fitas deste ano, que tinha sido adiada por causa do Covid 19, acabou por se realizar entre os dias 22 e 29 de Outubro, mas de forma muito mitigada.

A Serenata Monumental, que foi difundida pela internet, começou à meia-noite de quinta para sexta, em frente da Sé Nova, com assistência limitada.

O Sarau de Gala, na noite de sexta-feira, teve lugar nos jardins da Associação.

Em vez do tradicional cortejo, realizou-se no domingo um desfile simbólico na Praça da Canção (margem esquerda do Mondego, a montante da Ponte de Santa Clara).”



III – TOMADA DA BASTILHA 2021

“COMEMORAÇÃO DA TOMADA DA BASTILHA EM COIMBRA

Este ano, a comemoração da Tomada da Bastilha em Coimbra foi feita em moldes diferentes. O cortejo, que partiu da Porta Férrea e seguiu até à Baixa pela Sé Velha e Quebra Costas, avançou depois até à Praça 8 de Maio, para vir a terminar na sede da AAC. Pelo caminho, foi parando em vários locais emblemáticos da cidade, onde actuaram cinco grupos musicais da Academia de Coimbra. A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa congratula-se pela forma expressiva como a AAC decidiu comemorar este ano a Tomada da Bastilha, uma data tão cara à Academia de Coimbra quanto à AAACL.”

TOMADA DA BASTILHA

| | |
|-------|---|
| 22H00 | Partida da Porta Férrea |
| 22h20 | Atuação do Coro Misto da UC Largo da Sé Velha |
| 22H40 | Atuação do Coro dos Antigos Orfeonistas da UC Arco de Almedina |
| 23h00 | Atuação do Orfeon Académico de Coimbra Praça 8 de maio |
| 23h20 | Atuação da Tuna Académica da UC Monumento a Luís de Camões |
| 23h40 | Atuação da Secção de Fado da AAC Edifício da AAC |



OBRIGADO! 1920...

Por Miguel Guerra ex-Presidente da Associação Académica de Coimbra em 1991/1992



É o início da década daqueles que ficaram conhecidos como os loucos anos 20...

A aceleração até à vertigem da vida social, os ideais de progresso, o incremento da convivialidade, o hedonismo e a criatividade criam o contexto para o estilo Art Deco, o Dadaísmo e o surrealismo de Salvador Dalí.

O Mundo e a Europa...

De facto, assistia-se a um mundo em profunda transformação onde ainda

ecoava o troar dos canhões da Grande Guerra e, simultaneamente, se sentiam as consequências da terrível pandemia de gripe espanhola.

Curiosamente, assinalaram-se também várias alterações climáticas que derivaram do aquecimento do planeta e eram massivos os fluxos migratórios.

Assistiu-se a uma revolução de mentalidades, verdadeiras metamorfoses impulsionadas por este período de catás-

trofe,

buscando mais abertura de costumes e de comportamentos. De facto, ficaram evidentes as oportunidades de mudança decorrentes deste tipo de cenário permitindo romper com o que ficou para trás marcando um novo período. No entanto, paradoxalmente, a sociedade se por um lado se abriu, com várias conquistas nomeadamente em avanços na afirmação do papel das mulheres, por outro radicalizou-se gerando movimentos políticos e sociais de cariz ditatorial, repressivo e segregacionista, parecendo difícil encontrar um equilíbrio para uma prolongada convivência pacífica.

Este mesmo ano assinala, com esperança, a fundação da Liga das Nações e o seu principal mentor; Léon Bourgeois, é agraciado com o Prémio Nobel da Paz. Os Estados Unidos da América tornavam-se a primeira potência mundial ao som do Jazz e difundiam as imagens a preto e branco do cinema mudo de Hollywood. Alterou-se drasticamente a geopolítica do globo com repercussões em toda a subsequente centúria.

A Europa reconstruía-se a partir da devastação procurando reerguer-se numa inédita divisão política, após o desmembramento do Império Austro-Húngaro, sem poder adivinhar que uma tenebrosa nuvem se começava a formar no horizonte.

Portugal...

O país, esse, havia muito que tinha passado o júbilo da mudança de regime, arrastando-se numa década de República sem conseguir cumprir os sonhos e as promessas em ser um país moderno. A inflação era elevada, a dívida pública gigantesca e os governos e Presidentes da República sucediam-se. No ano de 1920, a crise política es-

tava instalada e a instabilidade social era uma realidade. As alianças políticas mais improváveis sucediam-se a um ritmo nunca visto assim como proliferavam as convulsões sociais com centenas de greves. A pobreza era avassaladora. A população era sobretudo rural e a esperança média de vida de 36 anos para os homens e de 40 para as mulheres.

Ainda assim, Lisboa, à sua escala, dançava o importado Charleston em frenéticos e vibrantes cabarés fazendo jus à noite boémia, imitando Paris e outras capitais.

Fernando Pessoa e Almada Negreiros, recém-chegado de Paris, entre outros, pontificavam na literatura e nas artes. A 23 de Julho nascia Amália Rodrigues. Coimbra...

A cidade banhada pelo "Bazófiás", com cerca de 63000 habitantes de residência oficial, vivia com a escassez de dinheiro e de bens, tal e qual o resto do país. Ainda assim, 1920 foi marcado pelo aparecimento de vários projetos de construção, alguns dos quais emblemáticos, que a transformariam num local mais aprazível. Falava-se da criação de um novo bairro na zona de Celas e no aparecimento de vários edifícios elegantes no Penedo da Saudade. Anunciaram-se as obras de construção do Café Santa Cruz e o alargamento da rede de tração embora simultaneamente ocorresse um défice de elétricos. Falava-se da necessidade de requalificar a baixa da cidade e as suas ruelas tortuosas...

A Universidade e a Associação Académica de Coimbra...

Concomitantemente, a realidade da Universidade Portuguesa tinha-se alterado nestes anos da 1ª República tendo sido fundadas as Universidade de Lisboa e do Porto. Coimbra não seria mais a única Universidade, porém, e importa realçar, nunca deixou de ser única a sua Associação Académica de Coimbra.

A Associação Académica de Coimbra a 13 de Novembro de 1920 fazia 33 anos, ocupava o rés-do-chão do Colégio de

São Paulo Eremita, à Rua Larga e era vizinha do Instituto de Coimbra, também conhecido como o "Clube dos Lentes". Os estudantes viviam intensamente o futebol e existia uma assinalável atividade musical e cultural.

As instalações da AAC nunca tinham sido as desejadas desde a sua fundação. Inicialmente ocupou o Colégio de São Paulo Apóstolo que foi demolido por razões de segurança, tendo sido prometido um novo edifício sede nesse local, facto que nunca se consumou. Transitoriamente esteve no Colégio da Trindade e depois em casas alugadas na Rua do Cosme, entretanto desaparecida e na Rua do Norte, ainda existente, por detrás da Casa dos Melos. A mudança para o Colégio de São Paulo Eremita tinha sido feita em 1911, devido à vacatura do piso térreo onde existia o Museu de Antiguidades pertencente ao Instituto de Coimbra, tendo esse acervo sido enviado para o recém-criado Museu Machado de Castro. Nessa ocasião tinha sido prometido que a Associação Académica de Coimbra ocuparia todo o edifício assim que fosse criada nova sede para o Instituto de Coimbra, reconhecendo-se que era necessário mais espaço para as atividades estudantis.

Antes de prosseguir e para ganhar fôlego... uma referência ao Instituto de Coimbra, muitas vezes considerado como elitista, numa semântica algo negativa, o que merece alguma reflexão crítica. Esse Instituto derivou de uma divisão dos Institutos da Academia Dramática de Coimbra em 1852. Essa mesma Academia Dramática viria a originar a Associação Académica de Coimbra em 1887.

Voltemos então ao Instituto de Coimbra que nascido no contexto da Regeneração e do Fontismo rapidamente se transformou numa reputada academia com uma atividade editorial que dava particular atenção à instrução pública. Além dos lentes teve como membros várias individualidades de relevo, entre muitos outros, Almeida Garrett, Alexandre Herculano,

Bernardino Machado, Eugénio de Castro e António Egas Moniz. Este Instituto, cuja atividade cessou em 1982, teve ao longo da sua história ligações internacionais com pelo menos 19 países e deixou um legado de reconhecido mérito.

Retomemos o fio da meada e regressemos à Associação Académica de Coimbra...

Não se deve prometer e não cumprir... A espera de nove anos e a crescente atividade exigiam ação e os estudantes não se fizeram rogados. Foi assim que 40 estudantes (eventualmente 39, como algumas fontes referem), organizados de forma complexa para manter o secretismo, tal a ousadia do ato, ficaram para a história da academia conhecidos como os 40 conjurados. Só esta denominação carregada de simbolismo pátrio, revela bem a irreverência na execução de um plano arrojado a ser executado obviamente no dia 1 de Dezembro.

Contudo, num meio pequeno tudo se sabe e surgindo a informação de que as forças de segurança eventualmente suspeitavam de que alguma marosca se preparava, foi decidido antecipar a operação.

Elegeu-se a madrugada do dia 25 de Novembro para operacionalizar o ato. A brisa era fresca e a cidade estava ainda em silêncio. Esgueirando-se pelo escuro formaram-se dois grupos. Um prepara o assalto aos pisos superiores do Colégio de São Paulo Eremita e o outro quer apossar-se da Torre e dos seus sinos. Exigia-se coordenação e rapidez...

Subitamente às 6h e 45m ribomba por toda a Alta a explosão de um morteiro anunciando que as instalações foram tomadas de assalto com sucesso. O segundo grupo rapidamente ocupa a Torre, através do uso de chaves falsas fabricadas por conhecido republicano para repicar com vigor a Cabra e o seu homónimo masculino. Era importante mobilizar os estudantes para assegurar o êxito da operação. Içam uma capa no Mastro da Torre. Acorreu uma multidão

enquanto a partir da varanda do Clube dos Lentes se acionou um engenho pirotécnico de envergadura, uma girândola de 101 foguetes. Essa salva anunciou que as intenções eram pacíficas, rebuscando-se o significado medieval para tal foguetório.

Os estudantes reuniram de imediato em Assembleia Magna e num espírito irreverente enviaram telegramas aos políticos de Lisboa informando de que estão bastante satisfeitos com as novas instalações. Recebem resposta do Presidente da República, António José de Almeida, do Presidente do Governo, Álvaro de Castro e do Ministro da Instrução, Júlio Dantas a agradecer a notícia juntando felicitações pelo cumprimento desse anseio antigo.

Durante todo o ditoso dia se considerou essencial manter a mobilização e ao cair da noite efetuou-se um grandioso cortejo com archotes pela cidade. Deixamos aqui os nomes dos conjurados, um pouco incompletos, e que conseguimos encontrar na legenda de uma fotografia de grupo, para que também perdurem neste singelo escrito:

João Gonçalves Valente (M), José Nascimento de Sousa (M), José Lopes Dias (M), José Afonso de Matos (M), Mário Celorico Drago (M), Acácio Barata Lima (M), Manuel Pedro Nolasco (D), Daniel Brazão Machado (M), Henrique Valente de Pinho (M), Fernandes Martins (D), P. Paulo Evaristo Alves (D), Jacinto Gomes Henriques (M), João Lacerda Pereira Rocha (M), Augusto da Fonseca Junior (M), António Gomes de Pina (D), João Nabinho Amaral (M), António Geraldês Coelho (M), Martins de Carvalho (M), Jacob Correia (M), Silvino de Sousa (D), Artur Alberto Coelho (D), Pompeu Cardoso (M), Juvenal Silva Carvalho (D), Armindo Maio dos Santos (D), Joaquim Cunha Guimarães (M), Augusto Vitor Neves (Ciências), Albino Rodrigues de Sousa (M), Severo Figueiredo (D), António Rocha S. Miguel (M), Antero Lucena e Vale (D), Manuel Branco de Melo (D) Luís Gonzaga Peixoto (D), Gaspar Sameiro (D) e Joaquim Costa Reis (D).

O Magnífico Reitor Filomeno da Câmara evitou qualquer repressão das forças de segurança pedindo apenas a devolução dos móveis, entretanto removidos, do Instituto de Coimbra que foi instalado no Arco do Bispo.

Esta ocupação pacífica denominou-se, para todo o sempre, como "A Tomada da Bastilha", simbolizando o espírito académico e o sonho da juventude em construir um futuro melhor, alicerçado na Liberdade e na Justiça.

A Direção-Geral da Associação Académica em 1991/92

As gerações de estudantes foram passando e a Associação Académica floresceu. Passou tempos de harmonia e outros mais conturbados, viveu guerras horrendas, enfrentou regimes, sofreu repressões, assistiu à chegada à Lua, fomentou revoluções e consolidou a Democracia.

O início da década de noventa também não fugiu a essa dicotomia. A Académica teve desafios e catalisou mudanças. A disputa associativa era intensa com o envolvimento de muitos estudantes e fazia-se entre listas afeitas às juventudes partidárias e também com projetos sem coloração partidária. Em 1991 a direção-geral era social-democrata, orgulhosamente da Lista D, tendo obtido um segundo mandato consecutivo e contando com o apoio de muitos independentes. Tínhamos uma vasta equipa unida, empenhada, solidária e amiga. O êxito das reivindicações efetuadas pelos estudantes pugnando pela sua representatividade nos órgãos de gestão, no âmbito da lei da autonomia universitária e da implementação dos novos estatutos da Universidade de Coimbra, permitiam ter uma voz ativa dos estudantes na resolução dos problemas universitários. Em nosso entender, muito mais forte e eficaz do que no presente. Consideramos mesmo que o atual enquadramento legal plasmado no regime jurídico das instituições de ensino superior está obsoleto e a carecer de revisão. Existem questões de fundo a debater designadamente, a representatividade dos di-

ferentes corpos, os processos de eleição e a democratização nos diferentes órgãos de governo universitário e nas unidades orgânicas, onde se incluem as diferentes Faculdades.

Como noutras ocasiões na vida da Associação, esta direção-geral enfrentou questões políticas fraturantes como a pretensão governamental de um aumento de cerca de 6550 % do valor da propina existente, o que desencadeou uma fortíssima contestação estudantil com inúmeras manifestações e outras ações, extraordinariamente mobilizadoras, em Coimbra e na capital do poder. Imediatamente se defendeu a reivindicação de uma universidade para todos, tendencialmente gratuita, onde se garantisse a qualidade do ensino e a mobilização de recursos para o apoio social, permitindo o acesso de estudantes com condições financeiras precárias.

Outro aspeto relevante decorria da massificação do ensino superior que criava sérias dificuldades de empregabilidade com excesso de profissionais qualificados em várias áreas, fenómeno que nunca se regulou e apenas se agravou. Uma parte da equipa com estudantes de várias Faculdades montou a 1ª Feira de Emprego juntando várias instituições, as empresas e a academia numa iniciativa pioneira e contou com a total colaboração do Magnífico Reitor Rui de Alarcão.

Este ano de 1991 marcou também a execução de um ambicioso programa de reabilitação das Repúblicas e Solares de Coimbra, com o apoio do Ministério da Juventude e Desporto, que ultrapassou as melhores expectativas obtendo resultados apenas possíveis pelos processos de decisão e de gestão financeira terem sido partilhados entre a Associação Académica e os repúblicos.

Simultaneamente ocorreu a revitalização dos jardins da Associação criando um local de convívio salutar parando a degradação de um espaço que vivia atormentado por situações de grave toxicod dependência.

Em Outubro receberam-se os caloiros com um completíssimo guia informativo, ainda hoje utilizado e criou-se o Gabinete de Apoio ao Estudante numa estratégia de integração e de incremento das condições de vida. O Pelouro do Desporto assegura o desporto universitário e estava na liderança da Federação Académica do Desporto Universitário. O Dia do Estudante é assinalado com a inauguração do "Monumento ao Estudante", da autoria de Pedro Cabrita Reis.

Igualmente se tomou a torre e a cidade foi, mais uma vez, iluminada pelos archotes num cortejo de capas e batinas celebrando a Tomada.

A 12 de Novembro de 1991, há trinta anos, dá-se o Massacre de Santa Cruz em Díli, Timor-Leste. O herói Max Stahl, jornalista inglês, recentemente falecido, registou-o em vídeo. Conseguiu esconder a cassete no cemitério. Nessa mesma noite da tragédia e arriscando a vida um jovem timorense vai recuperá-la. Max tentou tudo para tirar a cassete do território e contou com a preciosa ajuda da jornalista holandesa Saskia Kouwenberg. Poucos dias depois, as televisões de todo o mundo denunciam a violência do invasor e o destino de Timor-Leste altera-se substancialmente. As imagens dos jovens timorenses feridos e aquelas do grupo que se refugiou na capela do cemitério a rezar em Português ao som dos tiros produzem um impacto enorme em Portugal, com vigílias espontâneas e velas nas janelas de todas as casas.

A Revista Fórum estudante, através do seu Diretor Rui Marques, lança a iniciativa Missão Paz em Timor e solicita a participação das associações de estudantes. A Associação Académica de Coimbra integra imediatamente a Missão. O direito à auto-determinação dos povos e à Liberdade foram um chamamento irresistível...

Há que partir para Díli com o objetivo de depositar uma coroa de flores na campa de Sebastião Gomes, abatido pelas forças militares. O foco era des-

pertar o mundo exortando-o a apoiar a causa de Timor-Leste.

Contratou-se um Ferry, o navio Lusitânia Expresso que assegurava as carreiras entre os Algarves e o Norte de África. Mobilizaram-se estudantes de todo o mundo e fizeram-se campanhas de angariação de fundos em Coimbra junto da população. Portugal apoia os estudantes e claro que apareceram, como de costume, os Velhos do Restelo.

Marcou-se a partida para Março. Chegado o dia o dinheiro não era o suficiente para a viagem embora o Lusitânia já cruzasse os Mares rumo a Darwin, na Austrália. Estava tudo comprometido... Mesmo assim, manteve-se o plano. O Presidente da República, Mário Soares recebeu a comitiva que integrou o Presidente Ramalho Eanes e o então Primeiro-Ministro, Aníbal Cavaco Silva viabilizou a viagem após horas de incerteza. Nos bastidores o Secretário de Estado de Estado da Juventude, Nuno Ribeiro da Silva apoiou e segurou a Missão. Avançou-se!

O avião finalmente descolou carregando a Esperança! Alguns jornalistas acompanharam os ativistas. Não havia tempo a perder e, após escala em Sydney correu-se para Darwin com o propósito de montar um centro de imprensa. Fustigaram-se as agências internacionais de notícias, as televisões internacionais e todos os meios de comunicação social identificados. Pouco tempo depois começam a chegar sinais animadores com a publicação de notícias e de editoriais em jornais de grande impacto. O Secretário-Geral da ONU, Boutros Boutros-Gali manifestou-se publicamente protegendo a Missão.

A capa e batina e o fado de Coimbra invocaram a saudade, como disse o Presidente Eanes, junto à comunidade portuguesa e timorense da região de Darwin, nos vários encontros que se organizaram nas associações luso-timorenses. Foram momentos intensos

e inolvidáveis!

Entretanto o Ferry após 17000 Km chegou e foi rapidamente provisionado. A partida aconteceu num dia inteiro e quente. No cais a multidão acena. A emoção está ao rubro!

Rumou-se à ilha do Crocodilo. As comunicações por satélite estavam operacionais e tudo está sereno e preparado. Ao largo decorriam manobras militares das marinhas americana e australiana. Passou-se a noite e ao romper do dia o Lusitânia é sobrevoado por um avião militar indonésio.

No radar surgiu a presença de outros navios. Eram três navios de guerra com os militares armados na ponte e as estações de artilharia em prontidão. Um combate desigual... A ilha à vista. Os participantes prepararam-se para uma abordagem que não acontece. O comandante da frota armada em tom de ameaça estabeleceu comunicação e num primeiro momento a resposta foi o silêncio... Insistência ... O comandante do Lusitânia sabia que estava em águas territoriais que não eram daquela potência... O poderio bélico impõe-se à Lei e o foi Lusitânia cercado. Os guerrilheiros timorenses testemunharam toda a ação a partir das montanhas, como nos disse, anos depois, o então Presidente da República Democrática de Timor-Leste e atual primeiro-ministro, Taur Matan Ruak. Uma das fragatas posicionou-se à proa impedindo a progressão. O bloqueio é intransponível para o Ferry que, entretanto, parou as suas máquinas. Incessantemente as antenas de satélite tentavam dar a conhecer ao mundo o que se estava a passar. Não era possível o envio de imagens em tempo real. A tecnologia era outra...

No meio da mais profunda comoção lançou-se a coroa de flores ao Mar de Timor e a acompanhá-la uma capa de estudante... uma capa de Coimbra! A capa da Académica!

Dez anos depois Timor-Leste era independente!

Viva a Académica!



Julho a Dezembro de 2021
Janeiro a Junho de 2022

Nº 57 • 3ª SÉRIE

CAPA E BATINA

DIRECTOR: A Presidente da Direcção

EDIÇÃO: Associação dos Antigos
Estudantes de Coimbra em Lisboa
Instituição de Utilidade Pública
Rua António Pereira Carrilho, 5 - 1º
1000-046 LISBOA

TEL. 21 849 41 97

TELEM: 964 167 581

E-MAIL: geral@aaec-lisboa.com

E-MAIL: aaec@sapo.pt

INTERNET: www.aaec-lisboa.com

FACEBOOK: AAEC em Lisboa

PERIODICIDADE: Semestral

TIRAGEM: 600 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS
SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO

ABERTURA

A Sede dispõe de um salão com 50 m² aberto a sessões promovidas por instituições e/ou grupos empresariais ou culturais, mediante acordo caso a caso.

PATROCÍNIO

O Capa e Batina dispõe de espaços para divulgação/anúncio com logotipos de instituições ou empresas, visando o patrocínio da AAEC (em especial para a Tomada da Bastilha – 26 de Novembro de 2022).